

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DO PROGRAMA DE BOLSAS DE INICIAÇÃO
À DOCÊNCIA – PIBID/UEMA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA

SUBPROJETO:

O ensino de Filosofia no Ensino Médio e a utilização dos livros didáticos

RELATÓRIO

Coordenador de área: Prof. Me. MARCOS
ROBERTO ALVES OLIVEIRA

São Luís

2019

SUBPROJETO:

O ensino de Filosofia no Ensino Médio e a utilização dos livros didáticos

Coordenador de área: Prof. Me. MARCOS
ROBERTO ALVES OLIVEIRA

Supervisor: Prof. RÔMULO FERREIRA BARROS

Bolsistas: Adilton Santos Sampaio

Afonso da Silva Sodré

Ana Kalina Pereira de Souza

Felipe Roberto Pereira dos Santos

Luanna Cristhyna Serra Cutrim

Milena Oliveira Pires

Sílvia Andressa P. Choairy Oliveira

São Luís

2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
OBJETIVOS	5
METODOLOGIA	5
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	6
RESULTADOS E DISCUSSÃO	6
ATIVIDADES DOS SUBGRUPOS	7
SUBGRUPO 1	8
SUBGRUPO 2	10
SUBGRUPO 3	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
FICHA DE ASSINATURAS.....	14
ANEXOS	15

1. INTRODUÇÃO

Com o retorno do ensino da Filosofia no Brasil, inicialmente como tema transversal apontado nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1999 e a partir de 2009, com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB a filosofia torna-se uma disciplina obrigatória no currículo do ensino médio em todo o país, desafiando os educadores a aplicá-la de maneira significativa no processo de ensino e aprendizagem. Contextualizando-o no universo dos adolescentes de ensino médio objetivando desenvolver a autonomia crítica e não um mero reprodutor de atividades. Diante disso, esta pesquisa apresenta o seguinte problema central de discussão: como inserir o ensino da Filosofia numa proposta de educação crítica que articule os conteúdos do Ensino Médio com os saberes filosóficos existentes nos livros didáticos dentro de uma perspectiva dialética e dialógica que contribua para uma transformação social?

Diante desse problema o foco dessa pesquisa foi inserir os bolsistas no universo da docência, para que em conjunto com coordenador de área e professor supervisor os bolsistas pudessem perceber as necessidades e as dificuldades da docência em nosso país, em especial na área de Filosofia, que durante muitas décadas vêm sendo atacada em nosso país. Dessa forma, buscou-se com essa pesquisa inserir os bolsistas nessas problemáticas afim de não só fazer análises da atual situação do ensino de filosofia e a utilização do livro, como também pensar e executar alternativas que possam ajudar a solucionar esse e outros problemas que por ventura venham a surgir. Sendo assim, as atividades executadas por coordenador de área, professor supervisor e bolsistas, tiveram o intuito de promover inicialmente uma análise da situação da escola e da dinâmica em sala de aula, além da relação professor e aluno, professor e direção, para que com essas análises fosse possível desenvolver um plano de ação que pudesse levar em conta a realidade dos alunos do ensino médio que seriam atingidos indiretamente por esse projeto, terminada essa parte de observação e análises, os bolsistas buscaram desenvolver atividades que buscavam fazer com o que os discentes tivessem para afeição pelas aulas e usassem mais seus livros didáticos, in loco os bolsistas acompanharam esse processo que fora conduzido pelo professor supervisor.

As atividades desse grupo foram desenvolvidas na escola estadual: Centro Integrado do Rio Anil – CINTRA. A escola que já fora tida como uma referência no estado do Maranhão conta com o ensino de filosofia em sua grade curricular a partir do ensino fundamental até o médio, porém este estudo foi dirigido para o ensino de filosofia no ensino médio, em especial os alunos do primeiro e segundo ano. Por se tratar de uma escola de grande estrutura física os

bolsistas em 18 meses de execução do projeto, tiveram contato com 12 turmas do ensino médio, tendo sido 4 turmas do primeiro ano e 8 turmas do segundo ano¹.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral:

_ apresentar uma concepção de ensino de Filosofia que associado aos livros didáticos do Ensino Médio, possibilitem a reflexão crítica filosófica.

2.2 Específicos:

_ perceber as concepções pedagógicas que norteiam o ensino da filosofia; analisar o estudo da filosofia no contexto da educação básica;

_ compreender a aplicação do ensino da Filosofia desenvolvido no âmbito do ensino médio, como ferramenta capaz de maturar os discentes no exercício do seu convívio social e profissional.

3. METODOLOGIA

Esse trabalho se desenvolveu através de dois momentos metodológicos, foram eles: pesquisa de campo e bibliográfica. Em virtude do número de bolsistas e o tamanho das salas, os bolsistas se dividiram em três subgrupos para executar o trabalho. Dessa forma buscou-se fazer a análise da situação em que se encontravam os alunos e o professor, a partir disso os bolsistas se colocaram a analisar o livro didático que era utilizado em sala de aula, assim como os documentos que norteiam a educação brasileira e do estado do Maranhão (Lei de Diretrizes e Bases N° 9.394/94; BNCC; Caderno de Orientações Pedagógicas do governo do estado do Maranhão). Após análises desses materiais os bolsistas se voltam a campo novamente para executar atividades voltadas para a utilização do livro de didático e da participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Tendo em vista uma baixa adesão, os bolsistas buscaram fontes externas que pudessem ser utilizados pelos alunos, dessa forma uma medida encontrada pelos bolsistas foi promover uma análise crítica do livro de didático e uma pesquisa de opinião, com o objetivo de saber dos alunos seus desejos e anseios com o ensino de filosofia e a utilização ou não do material didático fornecido pela escola.

¹ Pelo fato da boa estrutura e um número aceitável de professores de Filosofia, o professor supervisor Rômulo Barros trabalhou apenas com turmas de Primeiro e Segundo ano, dessa forma durante a execução do projeto, tivemos acesso apenas e essas duas séries do ensino médio.

4. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	Meses																	
	2018					2019								2020				
	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
Observação em sala de aula	X	X		X			X	X	X	X	X		X	X		X		
Reuniões	X			X		X			X			X						
Aplicação de pesquisa				X														
Elaboração de metodologia para 2019					X	X	X	X	X		X	X	X	X				
Atividades em sala de aula					X			X	X		X		X	X		X	X	
Elaboração do relatório					X	X			X						X			X
Participação no Enid 2019																X		

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações feitas na escola CINTRA e das nossas atividades realizadas com supervisão do professor Romulo Barros, terçemos algumas considerações a respeito dos impactos positivos e negativos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID. Podemos afirmar que programa é necessário pois onde há atuação, precisa haver inovação, para que possamos mudar a realidade da educação. Enquanto se está em formação, com o que se pode ver enquanto se está dentro do programa, existe a possibilidade de tornar o aluno um profissional melhor, para que ele possa ser um professor não que apenas segue métodos tradicionais, mas um profissional com uma visão diferente e metodologias diferenciadas e novas.

Dessa forma se tem alunos que sairão da Universidade com experiências, e não apenas a formação dos estágios obrigatórios, que não bastam para se compreender como é a realidade da docência na prática. Isso tudo é fundamental para que se tenha uma formação melhor, no sentido de se poder unir de verdade a teoria e a prática, buscando inovações para o campo educacional.

Assim, é importante lembrarmos e falarmos o quanto o PIBID, para a formação profissional dos alunos, influenciou e contribuiu para a formação inicial e o futuro profissional dos graduandos do curso de Filosofia, nos campos: educacional, na didática, no ambiente

escolar, na reflexão pedagógica e no incentivo dentro da educação básica pública. Uma vez que os bolsistas que engessaram neste programa em agosto de 2018 eram em sua maioria graduandos do segundo período do curso de filosofia, a experiência dentro do programa possibilitou que a vivência em sala de aula fosse adiantada e prolongada – uma vez que esses mesmos graduandos ainda passaram por estágios no curso. Tal vivência é fundamental para que os discentes que hoje estão na graduação sintam na pele o ônus e o bônus de sua futura profissão, pois ao ter um contato cedo com os alunos da educação básica esses graduandos experienciam uma realidade desafiadora da sua futura profissão e da área em que desejam lecionar, cria-se assim um profissional mais preparado para os desafios que a educação básica no Brasil enfrenta.

No geral, pode-se perceber que o programa é voltado para a atuação do estudante enquanto discente para à escola em prol de uma futura atuação como docente, devido a isso, deveria ter um melhor critério para a entrada dos bolsistas, pois sabe-se que, na maioria das vezes muitos só estão ali pela remuneração, conseqüentemente, não há comprometimento dos mesmos, gerando assim, uma decadência no processo de transformação da escola. Um melhor aproveitamento quanto às práticas pedagógicas deveria ser repensado, pois na teoria se planeja algo, mas nem sempre na prática ocorre de tal forma; sendo assim, é totalmente viável a discussão entre bolsistas e supervisores envolvidos.

Por último, mas não menos importante é a questão do valor da bolsa, infelizmente não houve reajuste desde quando foi criado o PIBID, quanto mais investimento melhor seria aproveitado para até desenvolver atividades dentro da escola e também para a permanência do bolsista na universidade, pois bem se sabe que muitos não têm condições de se manter financeiramente.

6. ATIVIDADES DOS SUBGRUPOS

Como fora dito na Metodologia deste relatório, os trabalhos realizados na Escola CINTRA foram realizados a partir da atuação dos subgrupos, sendo eles três, com a seguinte formação: SUBGRUPO 1: AFONSO SODRÉ E ADILTON SAMPAIO; SUBGRUPO 2: MILENA PIRES, ANA KALINA E SILVIA OLIVEIRA; SUBGRUPO 3: LUANNA CRISTHYNA E FILEPE PEREIRA. Esses subgrupos ficaram responsáveis por analisar e acompanhar o trabalho do professor Romulo Barros e a participação dos alunos dentro de sala de aula, assim como o uso do livro didático, tanto pelo professor como pelos alunos, a partir dessas observações, que foram realizadas uma vez por semana, com uma carga horária de 4 horas em sala de aula, os bolsistas realizaram uma análise crítica do livro didático usado na escola (que compreende o

triênio de 2017, 2018 e 2019), afim de identificar sua estrutura e analisar seu conteúdo pedagógico – para saber se o mesmo se enquadra dentro das normas exigidas, apresentando os conteúdos adequados para o ensino de filosofia. Posterior a isso foi realizado uma pesquisa, para saber por parte dos alunos suas expectativas sobre o ensino de filosofia e sua utilização ou não do livro didático. A pesquisa foi realizada com 56 alunos do segundo ano do ensino médio, por meio dela percebemos que 48% dos alunos não usam o livro didático na escola, e 35% não usa em casa para responder atividades, muitos argumentaram que o peso do livro era um dos principais problemas para isso, assim como o fato deles não saberem se o professor vai usar o livro ou não. Pensando nisso os bolsistas elaboraram uma apostila, que seria disponibilizada para eles em forma de PDF, assim eles teriam acesso imediato ao conteúdo que seria trabalhado, sendo assim a apostila seria, seria para uso deles no terceiro e quarto bimestre de 2019, como um material complementar ao livro que eles já possuíam. Os subgrupos também realizaram trabalho pedagógico, como a elaboração de planos de aula² e leitura da LDB, afim de identificar no documento que rege a educação brasileira, os deveres do profissional de educação no exercício de sua profissão. A seguir serão narradas as principais atividades dos subgrupos na escola CINTRA.

6.1 SUBGRUPO 1

Os primeiros passos em desenvolvimento dos trabalhos se deram em observações junto com os alunos, mapeamento da escola e de como os alunos se inteiravam com a disciplina de Filosofia e como utilizavam os livros didáticos no processo de aprendizagem. Buscou-se diante disso perceber as necessidades dos alunos e procurar meios que pudessem auxiliar o aprendizado despertando o interesse da Filosofia não somente na escola, mas na vida diária e também na comunidade, com isso elaborou-se metodologias visando alcançar tais objetivos.

Depois de um tempo observando os alunos e se relacionando com eles no dia a dia, os bolsistas desenvolveram uma pesquisa no objetivo de ter de sondar os alunos de como os mesmos viam a escola, o ensino da filosofia na escola, a eficácia dos materiais didáticos, as fontes de pesquisa, os meios para estudos. A pesquisa visava levantar dados para a elaboração e aplicação de uma metodologia que pudessem auxiliar os estudos dos alunos e obtivessem melhores considerações do pensamento crítico e ter como retorno o que os alunos da escola entendia por Filosofia e suas finalidades.

² Os planos de aula, assim como a pesquisa e os demais documentos e fotos se encontram em anexo ao final deste trabalho.

Diante do que se percebeu nos resultados das pesquisas, constatou-se que os alunos tinham pouca noção do estudo da filosofia e os livros didáticos não eram muito utilizados pois alegavam várias dificuldades e os livros se quer eram utilizados para estudos e como fonte de pesquisa. Na pesquisa em forma de questionário de dez questões os alunos apontaram que o ensino da filosofia é importante e é bem aplicado na escola, contudo os livros poucas vezes eram utilizados e não eram levados para a sala de aula. Os alunos afirmavam que os livros eram pesados, que preferem pesquisar na internet com isso os bolsistas se propuseram a elaborar uma apostila, em formato digital para facilitar os estudos e pesquisa.

A apostila tinha por objetivo auxiliar o uso dos livros didáticos na aprendizagem dos alunos, o fim era fazer com que os alunos tivessem acesso a todo instante e momento a conteúdos filosóficos e conhecimento dos conceitos mais utilizados nas aulas. Vale lembrar que a elaboração da apostila se deu mediante o plano de curso e de aula elaborado pelo professor, acompanhando o conteúdo programático do livro didático. Com isso, seja no ambiente escolar, domiciliar, no transporte coletivo seria possível o acesso ao material didático disponibilizado compatível com aparelhos eletrônicos como Smartphone, Tablet, Notebook etc.

Tanto a pesquisa quanto a apostila contribuiu para uma outra aplicação de metodologia, que foi o seminário com os alunos do segundo ano, que se utilizaram dos livros didáticos e da apostila e de fontes da internet. Todos esses métodos se relacionam e puxam um ao outro para a efetivação da pesquisa, com o seminário percebemos uma maior participação dos alunos, podemos ver como eles interagem com os demais alunos e como eles dominaram o conteúdo que lhe foi proposto para o estudo, ao final de cada apresentação os bolsistas fizeram para cada grupo duas perguntas afim de identificar o domínio dos alunos sobre o conteúdo, os resultados das metodologias foram positivos, houve a utilização da apostila e seu uso nos seminários foram eficazes. Após o seminário a abordagem com eles foi diferente, pois os bolsistas se colocam na posição de responder as perguntas, foi realizado uma roda de conversa com as salas, afim de problematizar o ensino de filosofia e os conteúdos que eles avisam trabalhado no seminário, mais um vez tivemos grandes avanços, por meio de uma metodologia de problematização, que entende a filosofia a partir de seus problemas, proposta por Mario Porta, o objetivo era fazer com o que os alunos levassem o conteúdo de sala de aula para a realidade e pudessem problematizar esses conteúdos em suas realidade, entendo que filosofia atua a partir de problemas e que esses problemas estão em nossas realidade de diferentes maneiras, e que só com uma atitude filosófica (a indagação e a critica) podemos vê-los em ação. Tal atividade nos possibilitou realizar a atividade que encerraria nossa participam na escola, um café filosófico,

cuja tema era: “A filosofia presente no cinema e nos quadrinhos”, o tema foi pensado a partir da intervenção dos alunos em sala de aula.

Pesquisa em sala de aula: 10-13 de novembro

11-14 de março

Desenvolvimento da apostila: 10 de março a 15 de junho (primeira unidade)

03 de julho a 18 de agosto (segunda unidade)

Seminário: 15 de outubro a 29 de outubro.

Roda de Conversa: 19 de novembro

Café filosófico: 17 de dezembro

6.2 SUBGRUPO 2

Após contínuas visitas à instituição de ensino CINTRA, edificamos com afeto uma metodologia de fácil execução aos discentes, visando a mesclagem entre a filosofia e a arte, a qual resultou em inúmeras produções por meio dos mesmos. Utilizamos Wittgenstein como referencial teórico, pois o autor mostra que a experiência artística pode ser caracterizada por uma atividade de ver aspectos porque não está sujeita à construção, tampouco à representação lógica dos objetos, mas exclusivamente à transformação do modo de ver. Logo, buscamos despertar ou florescer o olhar filosófico dos discentes mediante a criatividade, ou melhor, mediante a arte, aquela que em todo ser há uma indubitável morada.

A realização da metodologia ocorreu entre o dia 21 de outubro à 03 de novembro, onde dividida em duas semanas, acarretou na aplicação e na colagem dos murais das produções artísticas. Nos primeiros dias, nos encaminhamos para as salas do segundo ano para corporificar o passo-a-passo da atividade estabelecida; os discentes já pré conceituados com o conteúdo, receberam animados a ideia de transformar a teoria em desenhos, poemas, música e etc. Organizamos a sala de um modo que todos se sentissem confortáveis e distribuimos papéis e lápis de cor, ao decorrer auxiliamos alguns discentes que vez ou outra indagavam em dúvidas, e então, junto a presença do professor acompanhamos as produções artísticas que ali se formavam. Os desenhos ganharam um enorme espaço, onde exprimiam veementemente críticas sociais, em exemplo, a denúncia dos males que o capitalismo apresenta na sociedade; e apesar dos desenhos possuírem um maior número, poemas, textos e frases também foram produzidas.

Com a primeira etapa executada com sucesso, nos direcionamos para a segunda, a qual se resumiu na apresentação daquilo que os discentes desenvolveram em seus papéis, e mais uma vez, para que fosse confortável a todos, deixamos como algo livre. No início, uma parte da sala

por vergonha se ausentou das apresentações, mas ao decorrer foram se entusiasmando e se levantando para participar e proferir algumas palavras sobre o contexto de suas obras. O resultado foi satisfatório. Recolhemos as produções, e assim, nos aproximamos para a terceira e última etapa, que foi realizada na semana seguinte e tratava-se da colagem dos murais. O que igualmente foi satisfatório, a reação dos discentes durante a colagem foi excepcional, suas feições alegres ao vislumbrar todos os desenhos, poemas, frases ou textos e etc. produzidos em um só espaço foi memorável.

6.3 SUBGRUPO 3

Com o projeto PIBID foi possível compreender de forma árdua a realidade das aulas de filosofia e assim tivemos a função de incentivar os alunos a um olhar diferenciado sobre a disciplina de filosofia, buscando através dos games e animações possibilitarem um suporte para consolidar o conteúdo passado pelo professor e ter uma maior interação e aprendizado na sala de aula. Essa forma de entretenimento tem uma importante via de conhecimento, não apenas da cultura e costumes ocidentais como orientais e de diversas épocas da história humana. A tecnologia tem sido uma grande aliada quando falamos sobre educação, em uma era que a busca por conhecimentos é muito ativa. Já dizia Aristóteles que todos os homens por natureza desejam conhecer. Hoje, a tecnologia assume uma grande importância em nossas vidas, sendo uma ferramenta importante no processo de apreender informações, e usando desse artifício fomos buscar formas de programar metodologias que desenvolvam o aluno de forma integral. Muitos dessas tecnologias modernas são capazes de revolucionar a educação por completo e encontramos nos games e animações uma forma de estimular e sensibilizar o aprendizado da filosofia de forma não maçante e cansativa, tornando assim mais agradável e prazerosa a estadia pela filosofia.

A seguinte metodologia de unirmos tecnologia e educação vem de uma dificuldade que percebemos de interação e identificação por parte dos alunos com aos assuntos de filosofia que de forma cansativa e apresentando mais conteúdo do que o filosofar criam uma distancia entre o conteúdo e o aluno. É introduzido no começo da aula um game ou animação que tenha relação com o assunto abordado pelo professor, é o momento de introdução do tema. É uma tentativa, portanto, de realizar uma aproximação, através de algo contido no cotidiano dos alunos, entre a vida destes e o que vai ser desenvolvido pelo professor. o primeiro contato com o conteúdo e quem sabe buscar encontrar a partir dessas reflexões uma possível resposta para um

determinado problema filosófico abordado pelo filósofo ou mesmo despertar um olhar mais diferenciado sobre a filosofia.

Com o intuito de aproximar não apenas essa nova geração de alunos, abrangendo não apenas do ensino fundamental, mas também do médio. É formada esta metodologia, onde há uma conversação de dois grandes autores que trabalham o ensino da filosofia e o ensinar filosófico, deste atrelado a uma nova tecnologia, onde aquele que participa não é um mero expectador na plateia, mas controla diretamente todo o percurso alcançado por determinado personagem a ser controlado.

Desta forma passa aos olhos deste que esta sendo ativo na história, todos as angustias, teorias, desejos, vontades e pensamentos do personagem, a ponto de que este se aproxime de forma íntima ao personagem em questão, e é por este sentimento atrelado do jogador com o jogo que se aproxima muito a metodologia com o aluno. Utilizando o vídeo games como forma de apresentar tanto problemas filosóficos, como aproxima a filosofia dos alunos.

Neste momento utilizamos a teoria de Silvio Gallo onde o autor apresenta uma abordagem destacando como os professores de filosofia podem desenvolver suas aulas de uma maneira mais didática, com foco no ensino de filosofia como experiência filosófica, o autor trabalha com etapas, etapas essas que serviram de base para programar a metodologia. Sendo a Sensibilização, problematização, investigação, conceituação e avaliação.

Um dos conceitos principais de Cerletti a ser trabalhados enquanto o ensino da filosofia é a do pensamento livre, onde a forma de se ensinar o aluno é por meio do filosofar, assim que se apresenta esta filosofia para alguém não esta centralizada nem em textos filosóficos ou nas aulas didáticas, apresentando conceitos e faculdades filosóficas para que alcancem uma reflexão sobre o tema, mas garantir ao aluno um espaço para a discussão sobre o determinado assunto exercitando a sua liberdade de pensamento reflexiva, tão exaltada por Cerletti, onde o erro não esta na compreensão equivocada da ideia do autor, mas sim uma reestruturação do aluno, a partir de seus condicionantes sociais, ou melhor, uma visão do aluno a partir do tema tratado pelo autor. Esta liberdade proposta pelo autor esta indo contra uma institucionalização da disciplina, citada em seu livro o ensino da filosofia como problema filosófico.

Esta forma de ensinar filosofia também esta voltada a uma teoria apresentada por Cerletti que é a de um ensinamento a filosofar, não apenas a filosofia como uma disciplina fechada em um momento histórico e as teorias já apresentadas pelo autor de forma onde não se pode sair desta hipótese apresentada pelo autor para justificar a ausência de importância da disciplina nas escolas. Esta questão que foi amplamente perguntada enquanto ocorria a pesquisa

na escola, apresentando uma serie de respostas onde, os alunos enxergavam a importância da disciplina, mas com pouca reflexão durante as aulas sobre as teorias e questionamento do autor, pois a própria forma aconselhada pela cartilha de diretrizes entregue pelo governo de assuntos e a culminância de toda a vida escolar ate o ensino médio. Onde a filosofia é apresentada apenas como mais uma disciplina. Neste modo de ensinar, a filosofia tenta ser tratada das duas formas, tanto para os conteúdos apresentados e a incentivar o aluno a refletir filosoficamente a partir da mídia exposta na sala.

Atividade realizada nos dias: 23 de agosto e 13 de setembro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID) é uma ação da política nacional de formação de docentes do Ministério da Educação lançado em 2017 com o objetivo de propiciar aos discentes que estão na primeira metade do curso de licenciatura ter acesso a rotina nas escolas públicas a fim de incentivar ou reafirmar a prática da docência como também promover a melhoria da qualidade da educação básica. Estimular a interação da educação superior com a educação básica e também promover a elevação da qualidade de ensino nas escolas da rede pública. O projeto é motivado por aplicações do ensino de filosofia não de forma conteudista e sistemático, mas que seja capaz de disponibilizar uma relação com as demais áreas do conhecimento de forma interdisciplinar tornando o processo educativo mais dinâmico, eficiente e inovador o que permite maior disponibilidade de informação e recursos para os alunos e para que una as práticas do filosofar associado às diversas realidades vividas pelos estudantes através dos diálogos e discussões que devem ser estimuladas pelo docente na sala de aula. O ensino da filosofia se desdobra em intervenção filosófica, tanto em textos como em temáticas não habituais na filosofia, a função da filosofia nas escolas não é dar aos jovens condições para eles se adaptarem ao mundo, é mostrar diversos recursos que podem ser utilizados para pensar e transformar sua visão de mundo. Buscou-se aplicar e orientar determinados métodos visando esses objetivos para fomentar a reflexão em sala de aula, nos corredores das escolas e na vida de cada um dos estudantes.

8. FICHA DE ASSINATURAS

Professor supervisor: RÔMULO FERREIRA BARROS



Bolsistas:

Adilton Santos Sampaio

CPF: 063.144.833-01



Afonso da Silva Sodré

CPF: 058.710.313-23



Ana Kalina Pereira de Souza

CPF: 611.392.253-75



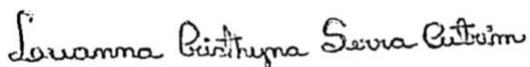
Felipe Roberto Pereira dos Santos

CPF: 616.050.833-48



Luanna Cristhyna Serra Cutrim

CPF: 069.799.033-81



Milena Oliveira Pires

CPF: 613.570.803-10



Sílvia Andressa P. Choairy Oliveira

CPF: 612.473.493-14



ANEXOS

ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO DIDÁTICO

Referência: COTRIM, G. Fundamentos de filosofia. 2º ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

Esta obra apresenta uma proposta de estudo da filosofia centrada em seus fundamentos e baseada em uma exposição *clara e concisa*. Ademais, traz textos dos grandes filósofos, uma variedade de imagens e atividades para apoiar o processo de ensino-aprendizagem.

Em se tratando de aspectos organizacionais e estruturais, tal obra divide-se em quatro unidades, sendo: 1) Introdução ao filosofar – trata de “mostrar” o que é a experiência filosófica e o filosofar, como em um passo a passo, usando como referência temas fundamentais da identidade filosófica; 2) Nós e o mundo – concentra-se em alguns dos problemas basilares do pensamento filosófico e da própria experiência humana (como exemplo, o capítulo 10, em que se trata do problema do conhecimento), relacionados com a descoberta progressiva do mundo e do ser humano dentro desse mundo; 3) A filosofia na história – esta unidade oferece uma visão geral do pensamento filosófico ocidental desde a Antiguidade (capítulo 11, Pensamento pré-socrático) até a época contemporânea (capítulo 17, Pensamento do século XX), procurando contextualizar historicamente as distintas filosofias e os debates que despertaram e ainda despertam; 4) Grandes áreas do filosofar – trabalha áreas temáticas de estudo e pesquisa que ganharam especial atenção nas sociedades contemporâneas (como exemplo, capítulo 20, A ciência) e no âmbito específico da filosofia.

De maneira geral, trata-se de uma obra que tem seu enfoque temático e histórico, sem deixar de ressaltar os problemas filosóficos.

Agora, cabe apontar alguns pontos “intratextuais”³. O primeiro deles diz respeito ao fato de todo e qualquer capítulo apresentar, logo no início, uma obra de arte (em formato de imagem, com nome do autor/artista e data) e, em seguida, uma pergunta, em certo sentido, introdutória ao assunto tratado no respectivo capítulo. Tal fato ressalta a importância da arte, sua ligação com a filosofia – portanto, interdisciplinaridade – e, além de tudo, inicia o capítulo já com uma pergunta que, para ser respondida, exige uma reflexão do aluno/leitor.

³ entendendo como elementos localizados dentro da obra que, do ponto de vista didático, são positivos, na medida em que facilitam o processo de ensino-aprendizagem.

Ainda na primeira página de cada capítulo, existem dois quadros denominados, respectivamente, “Questões filosóficas” e “Conceitos-chave”. O primeiro, como o nome sugere, trata de perguntas (filosóficas, claro está) a respeito do assunto trabalhado no capítulo⁴. Tal ato é útil, já que prepara o aluno para o que virá, colocando-o em uma posição “desconfortável”, uma vez que precisa pensar sobre algo que nem imaginava ser problemático – e, muito provavelmente, não conhecia. Já no segundo, “Conceitos-chave”, são apresentados, sem definição, os principais conceitos que serão tratados – o que serve para que o aluno fique atento a tais conceitos, quando aparecerem.

Um ponto interessante, que ocorre apenas na primeira unidade: nas segunda e terceira páginas de cada capítulo, são apresentadas uma “SITUAÇÃO FILOSÓFICA” e “ANALISANDO A SITUAÇÃO”. Caracteriza-se basicamente por ser exposta uma situação em que, no desenrolar do – na maioria das vezes – diálogo, aparece uma questão filosófica, condizente com o que será apresentado no capítulo. A impressão que essa estratégia passa é que se trata de uma forma lúdica de introduzir o aluno no assunto.

Cabe ressaltar ainda o fato de, ao final de cada seção, dentro do capítulo, aparecerem dois quadros: 1) “Análise de entendimento”, em que são propostas perguntas à guisa de, como o nome sugere, avaliar o entendimento do aluno sobre o conteúdo tratado até o respectivo momento; 2) “Conversa filosófica”, em que são propostas atividades, geralmente coletivas, um tanto mais “subjetivas”⁵. Ademais, ao final de cada capítulo, um quadro, “De olho na Universidade”, apresenta questões, que dizem respeito ao conteúdo, tratadas nos vestibulares – assim, o aluno já pode treinar para o vestibular; outro quadro, “Sugestões de filmes”, traz vários filmes condizentes ao tema do respectivo capítulo.

⁴ a tomar de exemplo, o cap. 9 (p. 174), “O trabalho”, apresenta três questões: “O que é trabalho?”; “O que é alienação?”; “O trabalho dignifica ou escraviza o ser humano?”.

⁵ entendendo como atividades que não exigem conhecimento estrito, por parte dos alunos, para que possam realizá-las. O que significa dizer que os alunos podem realizar tais atividades desprendidos do assunto tratado sem, no entanto, deixá-lo de lado.

Apresentação do seminário

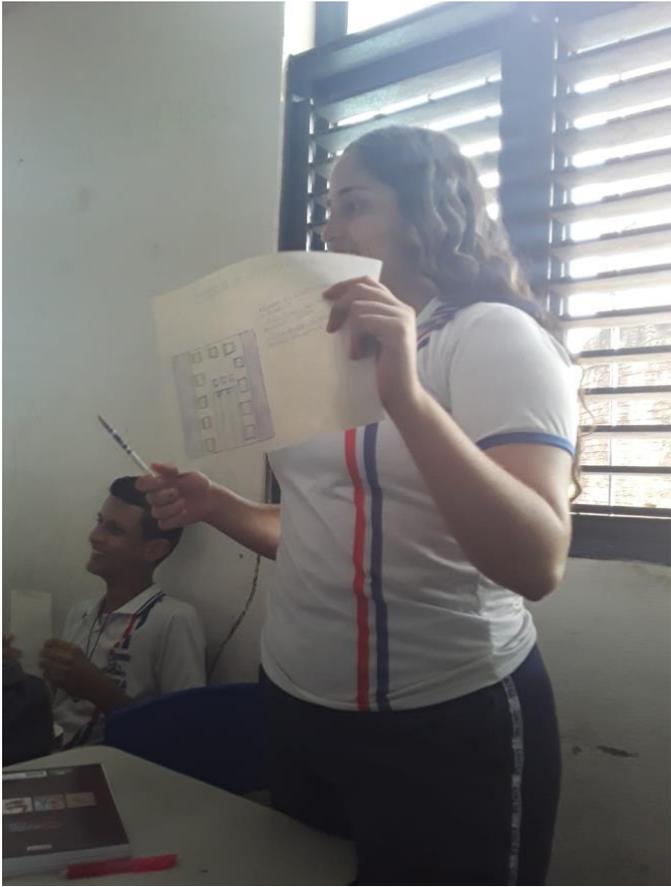


Roda de Conversa



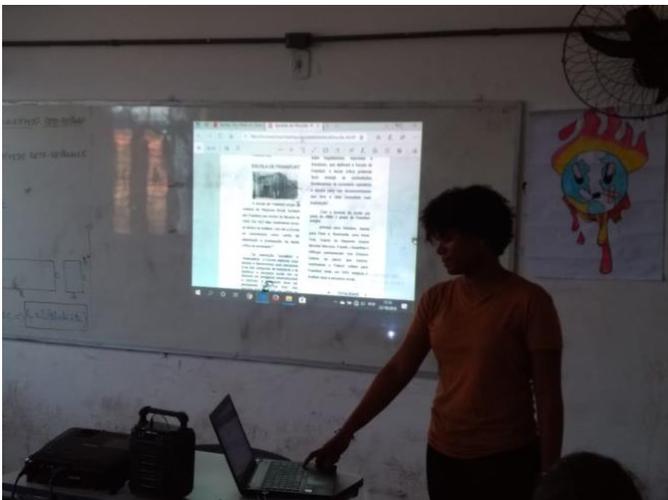
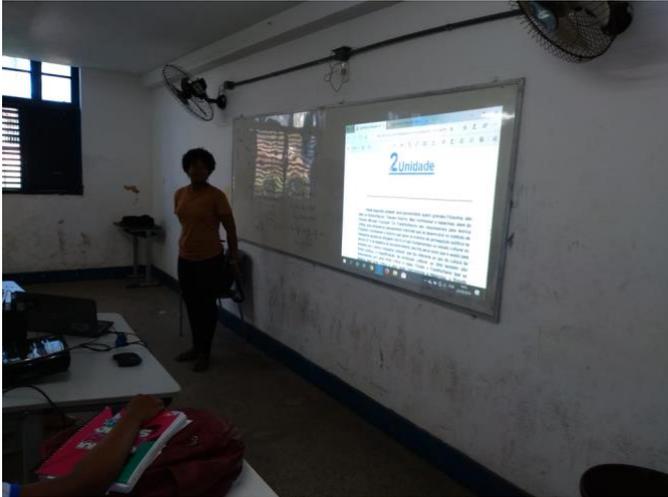
Aplicação de metodologia



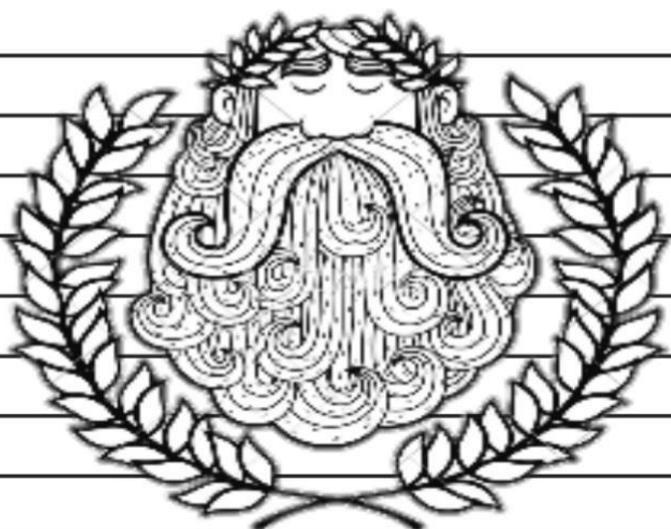




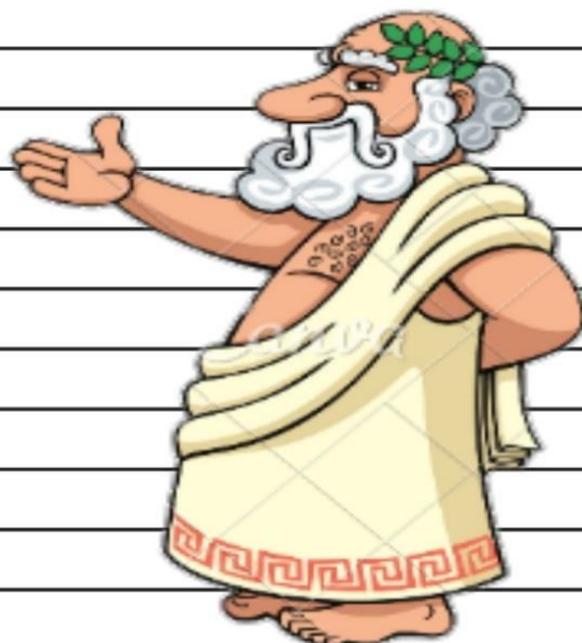
Apresentação da Apostila



Art



APOSTILA DE FILOSOFIA.



Sumário



- **1 Unidade**

- ✓ **HEGEL**

- ✓ **SCHOUPENHAUER**

- ✓ **KARL MARX**

- ✓ **NIETZSCHE**

- ✓ **FREUD**

- **2 Unidade**

- ✓ **Escola de Frankfurt**

- ✓ **Michel Foucault**



APRESENTAÇÃO

presente apostila de apoio foi elaborada pelos discentes do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), membros do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) fomentado pela CAPES. Sob coordenação do professor M. Marcos Roberto e supervisão do professor Rômulo Barros. Essa apostila foi produzida depois da análises *in loco* feita pelos bolsistas dos estudantes do primeiro e segundo ano do ensino médio da Escola Cintra (Centro Integrado do Rio Anil), observou-se a não utilização do livro por parte dos alunos, dessa forma os alunos e em conjunto com o professor supervisor decidiram criar o material para servir de apoio aos A estudantes na sua trajetória acadêmica.

Considera-se este tipo de material de fácil acesso a todos os alunos, uma vez que será disponibilizado digitalmente em PDF, que visa facilitar os estudos filosóficos em qualquer ambiente por meios de dispositivos eletrônicos como Smartphones, tablets, notebooks. Este material dispõe de atividades para ajudar na reflexão da unidade estudada e melhor compreensão de cada pensamentos dos autores. Apresenta-se aqui a vida e obra dos autores trabalhados em sala de aula de acordo com o plano de aula elaborada pelo professor.

1 **Unidade**

Nesta primeira unidade será apresentado cinco grandes Filósofos, são eles: Hegel; Schopenhauer; Karl Marx; Nietzsche; Freud. Esses cinco grandes filósofos possuem uma importância sem igual para a história da filosofia, além de serem grandes antagonistas no cenário filosófico. Hegel será um dos grandes nomes do início do século XIX, o filósofo alemão é um dos grandes expoentes do idealismo alemão, o mesmo fundaram com sua filosofia o idealismo absoluto, Hegel promoverá grandes mudanças na filosofia, com uma escrita tida como compressa e se utilizando do método dialético o filósofo de Hilderberg será o grande nome do início da modernidade, suas ideias irão influenciar outro grande filósofo alemão, Karl Marx, assim como sua filosofia sofrerá grandes críticas como as de Arthur Schopenhauer, o filósofo existência também alemão que foi um contemporânea a Hegel e foi um dos seus grandes anatomistas no cenário acadêmico.

Já KarlMarx nasua juventude será muito influenciado pelo ideias de Hegel, chegando a frequentar as discussões do grupo que ficou conhecido como hegelianos de esquerda, porém não demora muito e o revolucionário alemão começa a discordar das conclusões feitas por Hegel, dessa forma o mesmo rompe com seu Idealismo absoluto e formula o Materialismo histórico dialético, método que o tornará ao laudo de Engels um dos filósofos mais influentes do século XIX. Após Karl Marx trabalharemos Nietzsche, o filósofos do martelo, Nietzsche será um grande crítico de toda a filosofia feita anterior a ele, aos golpes de martelo Nietzsche construiu uma filosofia nunca antes vista que modificará toda a história da filosofia, Nietzsche será um grande crítico de um dos grandes problemas da contemporaneidade o Niilismo, sua filosofia tentará dá uma resposta esse grande problema. Por último abordaremos o pai da psicanálise Sigmund Freud, o austríaco que que exerce uma grande influência na filosofia, pois a psicanálise de formulada por Freud é a junção da psicologia com a Filosofia, nascendo assim a psicanálise, que se tornará uma ciência capaz trabalhar com maior detalhes a mente humana.

Hegel

✝ Vida⁶



FRIEDRICH HEGEL (1770-

1831) foi um filósofo alemão. Um dos criadores do sistema filosófico chamado idealismo absoluto. Foi precursor da filosofia continental e do marxismo.

Friedrich Hegel (1770-1831) nasceu em Stuttgart, Alemanha, no dia 27 de agosto de 1770. Estudou no seminário de Tubinga com o poeta Holderlin e o filósofo Schelling. Foi professor de latim em Nuremberg e ocupou a cátedra na Universidade de Heidelberg. Foi também professor da Universidade de Humcorsvick onde lecionou filosofia.

O sistema desenvolvido por Hegel, o idealismo absoluto, abrangeu várias áreas do conhecimento como a

política, a psicologia, a arte, a filosofia e a religião. A teoria do filósofo baseia-se na ideia de que as contradições e dialéticas são

⁶ Esse texto foi retirado de FRAZÃO, Dilva. **Hegel**. Ebiografia, 2014. Disponível em:

resolvidas para a criação de um modelo, que tanto pode refletir-se no espírito - sentido de alma e aspirações ideais, como no Estado político.

A época de Hegel é importante para analisar a sua filosofia. Ele vivia numa Alemanha dividida em territórios independentes, cada qual, com aparato jurídico e militar próprio. Isso foi relevante para que Hegel desse ao Estado um papel tão importante, a mais alta realização do espírito absoluto.

Friedrich Hegel era admirador das obras de Kant, Spinoza e Rousseau. Seu livro "Fenomenologia do Espírito" (1807) foi a sua obra maior. O livro refletia as etapas da consciência que apreende o mundo e encontra a si mesmo para chegar finalmente à totalidade e ao absoluto. O pensamento hegeliano foi crucial para o desenvolvimento das teorias de Karl Marx, embora este usasse o método dialético de Hegel em bases materialistas e econômicas.

Publicou ainda, *Ciência e Lógica* (1812-1816), *Enciclopédia das*

<https://www.ebiografia.com/hegel/> acesso em: 24 de maio de 2019.

Ciências Filosóficas (1817-1830) e *Elementos da Filosofia do Direito* (1817-1830).

Georg Wilhelm Friedrich Hegel morreu em Berlim, na Alemanha, no dia 14 de novembro de 1831.

Idealismo

Absoluto

Hegel é tido como um idealista absoluto porque acredita que a natureza é estruturada em conceitos que o pensamento pode compreender. No que se refere ao conceito efetivado como ideia absoluta, pois as determinações inclusive são isentas de fazer distinção entre o pensamento puro e a realidade em virtude de ser constitutivo de ambos.

Para Hegel, a *filosofia da natureza*⁷ aparece como verdadeiro e racional, demonstrando que não só o racional é verdadeiro, mas o verdadeiro é racional também. Há a compreensão de que a filosofia da natureza oferece conhecimento absoluto do mundo natural, isso acontece por que as determinações necessárias que são

implícitas no conceito de natureza são também as determinações de necessidade da própria natureza. REALE (2017), apresenta em seu manual o Absoluto³ como círculo dialético de Ideia-Natureza-Espírito.

Vendo por inteiro, o “círculo” do Absoluto segue o ritmo dos movimentos de Em-si, Fora-de si, Retorno-a-si. E esses movimentos são

⁷ Filosofia da natureza é a segunda de três partes principais do sistema de Hegel. Esta, não é no todo distinta da lógica, mas sim um

denominados de “Ideia, Natureza e Espírito” é o processo que leva do germe ao homem, por meio do

desdobramento do “Em-si”, é a mesma realidade que se desenvolve atuando e por fim chega a si mesma.

(REALE, 2017. p. 916). “O Absoluto: Ideia, possui em si o princípio do próprio desenvolvimento e, em função disso, se objetiva e se faz natureza, “alienando-se”, e depois, superando essa alienação, chega a si mesma”.

‡ Dialética

Hegelian

Hegel edificou um sistema que tinha por objetivo compreender a evolução da história, da filosofia e

bases. p. 234-235. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2013). ³ Absoluto: A ideia que é o logos e a racionalidade pura.

do universo, para isso ele se utilizou do metododialético, a dialética para Hegel é entendida como um movimento triádico que parte da tese (o lado abstrato ou do entendimento), passa pela antítese (o dialético ou negativamente racional) e desemboca na síntese (o especulativo ou positivamente racional).

produto dela. (DUDLEY, Will. Idealismo alemão. In: Hegel: a filosofia sistemática sem

A realidade segundo o filósofo alemão é compreendida por meio do método dialético, "a dialética (...) é o processo mediante o qual a razão se reconhece na realidade que surge como estranha ou oposta a razão, primando ou conciliando essa oposição." (ABBAGNANO, 200, p.81), dessa forma é neste movimento triádico que a razão compreende a realidade que é marcada por uma relação de contradição.

Os três momentos da dialética:

a) *Tese (lado abstrato ou do entendimento)*: Nesse momento há a ação do intelecto humano que abstrai os conceitos determinados e se detém na determinação dos mesmo, Hegel compreende que o conhecimento que é advindo do intelecto é inadequado, pois se prende a conceitos determinados. Dessa forma a tese afirma uma parte da realidade.

b) *Antítese (o dialético ou negativamente-racional)*: Nesse segundo momento o intelecto sede lugar a razão, a razão visa a superação da unilateralidade que foi criada pelo intelecto a partir da contradição. Esse é o momento da negação, a negação da afirmação, ou seja, opera-se a substituição da rigidez que foi criada pelo intelecto na afirmação da tese.

c) *Síntese (especulativo ou positivamente racional)*: O último momento do processo dialético é a " (...) unidade das determinações contrapostas."

(REALE, 2007, p.19), pois para Hegel nesse momento ocorre uma "conciliação" das oposições dos dois momentos anteriores. Essa estrutura será aplicada em todos os campos do real, dessa forma esse processo é dinâmico e está em constante movimento.

Exercícios

1)(Ufu 2013) A dialética de Hegel

- a) envolve duas etapas, formadas por opostos encontrados na natureza (dia-noite, claroescuro, frio-calor).
- b) é incapaz de explicar o movimento e a mudança verificados tanto no mundo quanto no pensamento.
- c) é interna nas coisas objetivas, que só podem crescer e perecer em virtude de contradições presentes nelas.
- d) é um método (procedimento) a ser aplicado ao objeto de estudo do pesquisador.

2)No início do século dezanove, mais precisamente com Hegel, a arte é concebida no interior do domínio do absoluto, isto é, da verdade enquanto tal e dos elementos que a expõem.

Tendo em vista essa concepção, é correto afirmar:

a) O absoluto não se expressa, de uma vez por todas, no domínio artístico.

b) Ao apresentar o absoluto sob forma sensível, isto é, concreta e singular, a obra de arte não efetiva a transfiguração da realidade.

c) Na atividade artística, apenas alguns de seus traços essenciais estão ligados ao ser verdadeiro.

d) A beleza é, enquanto produto da arte, manifestação sensível do absoluto.

e) Na arte, a totalidade que se torna aparição cumpre suficientemente suas determinações.

II. a ação dos homens obedece a vontade divina que preestabelece o curso da história.

III. no processo histórico, o pensar está subordinado ao real existente.

IV.

V. a ideia ou a razão se originam da força material de produção e reprodução da história.

Assinale a alternativa que contém somente assertivas corretas.

a) III e IV. b) I e II. c) II e III. d) I e

3) Hegel é sem dúvidas um dos principais filósofos do século XIX, sua filosofia é muito importante para a história da filosofia, junto com Kant opera mudança significativas para o conhecimento filosófico. Destaque a importância do filósofo abordando algumas das suas principais ideias.

4) Com base nas aulas responda:

Qual a crítica de Hegel aos demais idealistas? E quais as críticas que Hegel recebe?

5) (UFU 2005) Hegel, em seus cursos universitários de Filosofia da História, fez a seguinte afirmação sobre a relação entre a filosofia e a história: “O único pensamento que a filosofia aporta é a contemplação da história”.

HEGEL, G. W. F. *Filosofia da*

História. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 17.

De acordo com a reflexão de Hegel, é correto afirmar que

I. a razão governa o mundo e, portanto, a história universal é um processo racional.



SCHOPENHAUER

✠ Vida

Schopenhauer é filho de um comerciante da cidade de Dantzig na Prússia, seu pai chamava-se Heinrich Floris Schopenhauer.

A mãe Johanna era uma romancista que obteve sucesso quando se estabeleceu em Weimar, praticava e frequentava círculos mundanos que era ridicularizado por Schopenhauer. O destino de Schopenhauer era exatamente seguir os passos do seu pai no caminho dos negócios, com isso sua família não teve preocupação com a vida intelectual do jovem, sendo ainda da idade de doze anos, em 1800 induzido a viajar para França, Inglaterra, Holanda, Suíça e Áustria, viagens essas, que foram importantes para um futuro comerciante.

Contudo, seu interesse não estava nos negócios ou na profissão de seu pai, enquanto viajava fazia considerações sobre a miserável condição humana, resguardado em sua melancolia. Em Hamburgo, em 1805 a família se estabelece, forçando Schopenhauer a estudar em uma escola comercial. Mas com a morte do pai Schopenhauer abandona de vez os caminhos dos negócios do comércio, e buscando seu desejo volta-se para os estudos humanísticos. Assim ingressou no Liceu de Weimar em 1807, e dois anos depois estava cursando medicina em Göttingen onde adquiriu muitos conhecimentos científicos.

Na Universidade de Berlim em 1811, assistiu os cursos dos filósofos Schleiermacher e Fichte, e em 1813 Schopenhauer doutorou-se pela Universidade de Berlim, com a tese *Sobre a Quadruplicação da Razão Suficiente*. A relação com sua mãe só se deteriorava em meio a ridicularizações e provocações. Em 1814, houve o rompimento definitivamente com a família, quatro anos mais tarde Schopenhauer escreve sua principal obra, *O Mundo como Vontade e Representação*, só que esta publicação não foi bem sucedida, com poucas vendas de exemplares e crítica não muito favorável.

Com as condições financeiras não muito boas, Schopenhauer solicita um posto de monitor na Universidade de Berlim. Sendo admitido menciona um curso intitulado de *Filosofia*

Inteira, isso devia a rivalidade que Schopenhauer tinha com Hegel, sendo este possuidor de uma grande reputação. Acirrado pela rivalidade, Schopenhauer decide lecionar no mesmo horário de Hege o que resulta em fracasso, tendo apenas quatro ouvintes em turma. Sendo assim no final de um semestre renunciou à Universidade.

Os últimos anos da vida de Schopenhauer proporcionou-lhe um reconhecimento que ele sempre buscou, uma variedade de artigos críticos surgiram, a Universidade de Berlim o convidou para lhe propor o título de membro, mas Schopenhauer recusou, e também a Universidade de Breslau ofereceu cursos à análise de suas obras.

† O Mundo como Representação

Para Schopenhauer o mundo é uma representação de cada um, que ninguém pode sair de si mesmo e ver as coisas por aquilo que são, pois tudo aquilo de que se tem conhecimento certo se encontra dentro da consciência. O mundo como representação é a “verdade” da filosofia de Descartes e Berkeley. Os componentes da representação se dá no **sujeito** e no **objeto**. O mundo é representação e a representação tem dois lados essenciais, necessárias e inseparáveis que é o sujeito e o objeto.

O sujeito, Schopenhauer (Apud, REALE 2018, p. 58) “é aquilo que tudo conhece, sem ser conhecido por

alguém”. É portanto o sustentáculo do mundo, a condição universal de todo objeto, pois tudo que existe não existe senão em função do sujeito.

Quanto ao **Objeto** da representação, aquilo que é conhecido, é condicionado pelas formas primeiramente do espaço e do tempo, no qual se tem a pluralidade, em que toda coisa existe no espaço e no tempo. No que diz respeito ao sujeito, este está fora do espaço e do tempo, é inteiro e indivíduo em todo ser capaz de representação. O sujeito e o objeto são inseparáveis, assim também para o pensamento, cada um dos dois lados não tem sentido nem existência, a não ser por meio do outro e em relação ao outro, ou cada um existe com a outra e com ela desaparece.

† O Mundo como Vontade

O mundo como fenômeno, ou seja, aquilo que aparece e é percebido é ilusão. O mundo é uma representação ordenada pelas formas primeiramente do espaço e do tempo e também pela categoria da causalidade. Reale (2018) argumentando diz que o mundo não é a coisa em si, é fenômeno, é o objeto para o sujeito. Para Schopenhauer o fenômeno é a ilusão que vela a realidade das coisas na sua essência primeira e autêntica.

O homem é representação e fenômeno, mas são somente isso, uma vez que também é um

sujeito conhecedor, o homem é também corpo. Para o sujeito conhecedor, o corpo é dado de dois modos totalmente diferentes, isto é, como representação, como objetos entre objetos. Por outro lado, é dado como algo imediatamente conhecido por cada um, e é designado com o nome de **vontade**.

Schoenpauer (Apud, REALE 2018, p.

61) diz que “todo ato real da sua vontade é sempre infalivelmente também um movimento do seu corpo; o sujeito não pode querer efetivamente um ato sem, ao mesmo tempo, constatar que este aparece como movimento do seu corpo”.

O corpo é vontade tornada visível, obviamente pode-se falar do corpo como qualquer outro objeto, sendo assim nesse caso um fenômeno.

Exercícios

1) O que significa conceito de representação na filosofia de Schopenhauer?

2) Como Schopenhauer ela conceitua a vontade?

Contudo é por meio do corpo que se percebe que se vive e experimenta-se o prazer, dor e sentimentos, o anseio de viver e o impulso à conservação. Portanto a essência do ser, é vontade, isto é, a imersão no profundo de si mesmo faz descobrir que se é vontade. A vontade é a substância íntima, o núcleo de toda coisa particular e do todo.

a) consagração de relacionamentos afetivos.

b) administração da independência interior.

c) fugacidade do conhecimento empírico.

3) Schopenhauer acredita que o mundo somente é dado à percepção como representação. Logo, os objetos do conhecimento não têm realidade subsistente por si mesma e podemos assinalar que é simplesmente o resultado das situações gerais de suas possibilidades. Elas são:

- a) O medo, a dor, a dúvida.
- b) O espaço, o tempo e a causalidade.
- c) O tempo e a morte.
- d) O tempo, o medo, a morte.
- e) A causalidade, o medo, o

tempo.

4) Sentimos que toda satisfação de nossos desejos advinda do mundo assemelha-se à esmola que mantém hoje o mendigo vivo, porém prolonga amanhã a sua fome. A resignação, ao contrário, assemelha-se à fortuna herdada: livra o herdeiro para sempre de todas as preocupações.

SCHOPENHAUER, A. **Aforismo para a sabedoria da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

O trecho destaca uma ideia remanescente de uma tradição filosófica ocidental, segundo a qual a felicidade se mostra indissociavelmente ligada à

d) liberdade religiosa. de de expressão prazeres

e) busca efêmeros.

Karl Marx



✚ Vida⁸

KARL MARX (1818–1883) foi um filósofo e revolucionário socialista alemão. Criou as bases da doutrina comunista, onde criticou o capitalismo. Sua filosofia exerceu influência em várias áreas do conhecimento, tais como Sociologia, Política, Direito e Economia.

Karl Heinrich Marx nasceu em Trier, Renânia, província ao sul da Prússia - um dos muitos reinos em que a Alemanha estava fragmentada, no dia 5 de maio de 1818. Filho de Herschel Marx, advogado e conselheiro da justiça, descendente de judeu, era

perseguido pelo governo absolutista de Guilherme III. Em 1835, depois de concluir seus estudos no Liceu Friedrich Wilhelm, Karl ingressou no curso de Direito da

Universidade de Bonn onde participou das lutas políticas estudantis.

No final de 1836, Karl Marx se transferiu para a Universidade de Berlim para estudar Filosofia. Nessa época, se propagavam as ideias de Hegel, destacado filósofo e idealista alemão. Marx se alinha com os "hegelianos de esquerda", que procuram analisar as questões sociais, fundamentados na necessidade de transformações na burguesia da Alemanha.

Entre 1838 e 1840, Karl Marx se dedica a elaborar sua tese. Doutorou-se em Filosofia em 1841, na Universidade de Jena, com a tese "A Diferença Entre a Filosofia da Natureza de Demócrito e a de Epicuro". Por motivos políticos, Karl Marx não consegue a nomeação para lecionar na universidade, que não aceita mestres que seguem as ideias de Hegel. Com a recusa, Marx passa a escrever artigos para os Anais Alemães, de seu amigo Arnold Ruge, mas a censura impede sua publicação. Em outubro de 1842,

https://www.ebiografia.com/karl_marx/ acesso em: 20 de maio de 2019.

muda-se para Colônia, e assume a direção do jornal "Gazeta Renana", onde conhece Friedrich Engels, mas logo após a publicação do artigo sobre o absolutismo russo, o governo fecha o jornal.

⁸ Texto foi retirado de: FRAZÃO, Dilva. **Karl Marx**. Ebiografia, 2018. Disponível em:

Em julho de 1843, Marx casa-se com Jenny, irmã de seu amigo Edgard von Westphalen. O casal muda-se para Paris, onde Marx junto com Ruge funda a revista "Anais Franco-Alemães", e publica os artigos de Friedrich Engels. Publica também "Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel" e "Sobre a Questão Judaica". Nessa época, ingressa numa sociedade secreta.

Em fins de 1844, Marx começa a escrever para o "Vornaerts", em Paris. As opiniões desagradam o governo de Frederico Guilherme V, imperador da Prússia, que pressiona o governo francês a expulsar os colaboradores da publicação, entre eles Marx e Engels. Em fevereiro de 1845, é obrigado a sair da França e segue para a Bélgica.

Karl Marx dedica-se a escrever teses sobre o socialismo e mantém contato com o movimento operário europeu. Funda a "Sociedade dos Trabalhadores Alemães". Junto com Engels, adquirem um semanário e se integram à "Liga dos Justos", entidade secreta de operários alemães, com filiais por toda a Europa.

Karl Marx faleceu em Londres, Inglaterra, no dia 14 de março de 1883.

† Sobre o Materialismo histórico dialético⁹

O materialismo dialético é a concepção filosófica do Partido marxista-leninista.

⁹ Texto retirado de: STALIN. J. V. **Sobre o**

Chama-se materialismo dialético, porque o seu modo de abordar os fenômenos da natureza, seu método de estudar esses fenômenos e de concebê-los, é *dialético*, e sua interpretação dos fenômenos da natureza, seu modo de focalizá-los, sua teoria, é materialista.

O materialismo histórico é a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao estudo da vida social, aos fenômenos da vida da sociedade, ao estudo desta e de sua história.

Caracterizando seu método dialético, Marx e Engels se referem com frequência a Hegel como o

Histórico. Rio de Janeiro – RJ: dições Horizonte, 1945.

filósofo que formulou os princípios fundamentais da dialética. Mas isso não quer dizer que a dialética de Marx e Engels seja idêntica à dialética hegeliana. Na realidade, Marx e Engels só tomaram da dialética de Hegel sua "medula racional", abandonando o invólucro idealista hegeliano e desenvolvendo a dialética, para dar-lhe uma forma científica atual.

"Meu método dialético — diz Marx — não só é fundamentalmente diverso do método de Hegel, mas é, em tudo e por tudo, o seu reverso. Para Hegel o processo do

Materialismo Dialético e o Materialismo

pensamento que ele converte inclusive em sujeito com vida própria, sob o nome de ideia, é o demiurgo (criador) do real e este, a simples forma externa em que toma corpo. Para mim, o ideal, ao contrário, não é mais do que o material, traduzido e transposto para a cabeça do homem". (Karl Marx, palavras finais da 2.ª edição do t. I do "O Capital").

Na caracterização de seu materialismo, Marx e Engels se referem com frequência a Feuerbach, como o filósofo que restaurou os direitos do materialismo. Mas isso não quer dizer que o materialismo de Marx e Engels seja idêntico ao materialismo de Feuerbach. Na realidade, Marx e Engels tomaram do materialismo de Feuerbach sua "medula", desenvolvendo-a até convertê-la na teoria científico-filosófica do materialismo, e desprezando sua escória idealista e ético-religiosa. É sabido que Feuerbach, que era no fundamental um materialista, se rebelava contra a nome de materialismo. Engels declarou mais de uma vez que "apesar da base materialista, Feuerbach não chegou a desprender-se dos vínculos idealistas tradicionais", e que "onde o verdadeiro idealismo de Feuerbach se põe em evidência, é em sua filosofia da religião e em sua ética". (F. Engels, "Ludwig Feuerbach", em Karl Marx, Obras Escolhidas, ed. Europa-América, t. I, p.

414-417).

A palavra *dialética* vem do grego *dialegos*, que quer dizer diálogo ou polêmica. Os antigos entendiam por dialética a arte de descobrir a verdade evidenciando as contradições implícitas na argumentação do adversário e superando essas contradições. Alguns filósofos da antiguidade entendiam que o descobrimento das contradições no processo discursivo e o choque das opiniões contrapostas era o melhor meio para encontrar a verdade. Esse método dialético de pensamento, que mais tarde se fez extensivo aos fenômenos naturais, converteu-se no método dialético de conhecimento da natureza, consistente em considerar os fenômenos naturais como sujeitos a perpétuo movimento e transformação e o desenvolvimento da natureza como o resultado do desenvolvimento das contradições existentes nesta última, como o resultado da ação mútua das forças contraditórias no seio da natureza. A dialética é, fundamentalmente, o contrário da metafísica.

✚ **Classe e
luta de classes em Marx e
Engels¹⁰**

¹⁰ Texto retirado de: MATTOS, M.B. **Classes**

Tendo em vista essa relação entre palavras e movimentos, a transformação no uso do termo classe, tendendo a indicar uma nova categoria de análise da realidade social, capaz de dar conta das desigualdades econômico-sociais na sociedade

capitalista, indica um momento de auto-representação consciente dos trabalhadores sobre sua situação social, interesses comuns e oposição de interesses em relação à(s) outra(s) classe(s). Tal processo, cuja natureza política é inegável, relaciona-se à expansão das propostas socialistas.

Em seu bojo surgiram justamente aquelas perspectivas de interpretação da realidade social defendidas por Marx e Engels, desde a década de 1840, que reforçariam o emprego das categorias de análise e das auto-representações associadas à classe entre os trabalhadores europeus da época.

Uma via de mão dupla, sem dúvida, pois, por volta de 1844, Marx e Engels já haviam tomado contato direto – participando de reuniões, trocando correspondências, formulando politicamente – com pelo menos quatro frentes dos setores mais avançados do movimento operário europeu, conforme nos mostra Michael Löwy: as sociedades secretas comunistas de Paris; a Liga dos Justos; o cartismo inglês; e a revolta

um debate conceitual. Rio de Janeiro – RJ: Revista em Pauta, 2007. p. 34-36.

dos tecelões silesianos em meados de 1844 (LÖWY, 2002, p. 109).

É a partir dessa inserção no movimento da classe operária que podemos entender melhor aquele momento inicial da proposição do materialismo histórico, percebendo o chão social da leitura nova e da superação que Marx empreende da economia política clássica, da interpretação da sociedade dos “socialistas utópicos” e da dialética hegeliana, que caracterizaria, ainda segundo Löwy: “A síntese dialética, a superação dos elementos fragmentários, esparsos, parciais, das diversas experiências e ideologias do movimento operário e a produção de uma teoria coerente, racional e adequada à situação do proletariado (LÖWY, 2002, p. 138).”

Embora seja possível observar outras matrizes de aplicação do conceito de classe social, é a partir das propostas de Marx e Engels, formuladas na década de 1840, que as ciências sociais passaram a incorporar a classe ao seu arsenal analítico, mesmo quando divergindo do marxismo, nele tiveram o interlocutor e a referência central no debate sobre o uso do conceito.

O conceito de classe social surgiu em Marx e Engels como o centro de sua proposta para a análise das sociedades modernas. O ponto de partida dos autores era uma constatação política de que o proletariado constituía-se numa nova força política, que

acreditavam ter papel preponderante na luta pela emancipação.

Quando uniram suas forças para elaborar o manuscrito da Ideologia alemã, Marx e Engels recorreram ao conceito de classe especialmente para definir os termos da transformação operada pela burguesia nas sociedades modernas, moldando-a pouco a pouco às suas feições – cada vez mais urbanas e mercantis – no contexto de conflito de interesses em relação à nobreza feudal. Assim, definiam:

“Os indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que têm que manter uma luta comum contra outra classe; no entanto, eles mesmos defrontam-se uns com outros na concorrência. Por outro lado, a classe autonomiza-se em face dos indivíduos, de sorte que estes últimos encontram suas condições de vida preestabelecidas e têm, assim, sua posição na vida e seu desenvolvimento pessoal determinados pela classe, tornam-se subsumidos a ela. Trata-se do mesmo fenômeno que o da subordinação dos indivíduos isolados à divisão do trabalho, e tal fenômeno não pode ser

suprimido se não se superam a propriedade privada e o próprio trabalho” (MARX & ENGELS, 1986, p. 84).

Relacionando as classes ao processo de divisão social do trabalho, Marx e Engels procuravam esclarecer os fundamentos da estrutura social no capitalismo. Demonstrando que a classe, como fenômeno social, só se constituía em oposição aos interesses de outra(s) classe(s) e, portanto, tomando consciência de seu lugar social – o que podia ser o ponto de partida para um projeto político de transformação –, buscavam estabelecer as bases de uma teoria da dinâmica social, afirmando claramente o papel central da luta de classes, termo que não inventaram, pois já era empregado pelos analistas conservadores da revolução francesa. É nesse sentido que o Manifesto Comunista irá definir: “a História de toda a sociedade até hoje é a História de luta de classes” (MARX & ENGELS, 1982, p. 106). A associação entre os conceitos de classe e luta de classes tornava assim passíveis de compreensão tanto os fundamentos da divisão econômico-social das sociedades capitalistas, quanto a natureza do conflito social característico da maior parte da história das sociedades humanas.

A tomada de consciência pelo proletariado de seu lugar social, que Marx e Engels observavam como um processo em curso nos anos 1840, não era, entretanto, um

fenômeno social de fácil explicação. Em A Miséria da Filosofia, Marx expressou a diferença entre a existência material da classe trabalhadora e a sua tomada de consciência, na luta de classes, através das expressões classe em si/classe para si.

“As condições econômicas transformam primeiro a massa da população do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para essa massa uma situação comum, interesses comuns. Essa massa é, portanto, já uma classe no que se opõe ao capital, mas não é ainda uma classe para si. Na luta, da qual nós destacamos apenas umas poucas fases, essa massa se unifica, e se constitui como uma classe para si. Os interesses que defende tornam-se interesses de classe. Mas a luta de classe contra classe é uma luta política.” (MARX, 20 p. 77)

‡ **Mais-Valia**

A Mais-Valia é o trabalho excedente não pago pelo patrão ao trabalhador. Para Marx em alguns dias o empregado trabalha o suficiente para pagar seu próprio salário, a matéria-prima utilizada, a

manutenção das máquinas da fábrica e assim por diante. Nos dias que restam, o trabalho executado e o seu produto vão para o capitalista. Dessa forma, temos um subtrabalho feito pelo trabalhador que por consequência gera um subproduto, que será apropriado pelo capitalista e, dessa forma o operário não é remunerado por esse sub-trabalho.

“Aquilo que, do ponto de vista do capital, se apresenta como mais-valia, apresenta-se do ponto de vista dos trabalhadores exatamente como o mais-trabalho, que suplanta a quantidade de trabalho imediatamente necessário à manutenção da condição vital do trabalhador. O grande sentido histórico do capital é o de criar trabalho excedente.” (MARX apud BARBOSA in RESENDE, 2005, p. 191)

Segundo Marx existe dois tipos de mais-valia, uma **mais-valia**

absoluta e uma **mais-valia relativa**.

○ **Mais-valia**

absoluta: a mais-valia absoluta ocorre quando existe um prolongamento do dia de trabalho para além da jornada de trabalho diária normal do trabalhador, dessa forma o trabalho trabalha mais e por consequência sua produção é maior, porém essa

produção extra não é repassada ao trabalhador em seu salário.

○ Mais-valia

relativa: a mais-valia relativa acontece quando o capitalista potencializa a produtividade por meio da inserção de máquinas que aumentam o ritmo do trabalho e aumentam a produção, porém essa mecanização se realiza sem mais benefícios a classe trabalhadora.

† Ideologia

O termo ideologia vem de uma junção dos termos grego *Idea* mais *logos*, e significa "doutrina das ideias", na filosofia marxista o conceito de ideologia é fundamental na crítica de Marx a classe burguesa e ao sistema de produção capitalista. Na obra de Karl Marx, a ideologia é algo inteiramente negativo, pois para o filósofo alemão a ideologia é a distorção do pensamento que nasce a partir das contradições sociais e que serve para ocultar ou disfarçar essas contradições. Para Marx, a ideologia serve de instrumento de dominação que age através do convencimento, pois a ideologia como já dito age para disfarçar as ações da classe burguesa e dessa forma alienam a consciência dos trabalhadores da sua condição de exploração.

Segundo Marx, os mercantismos ideológicos transformam as ideias da classe dominante (burguesia) em ideias universais para a sociedade em geral, dessa forma a classe que tem domínio

dos meios de produção, domínio político e social, também tem domínio no plano das ideias, sendo assim a ideologia será o mecanismo utilizado pela burguesia para exercer a dominação do proletariado, pois é por meio da ideologia que a classe burguesa tenta mascarar, ou ocultar a existência da luta de classes. Dessa forma para Marx a ideologia torna-se uma falsa consciência que inibe o desenvolvimento da consciência de classe.

Exercícios

1)(Uece 2010) Leia com atenção o texto a seguir. “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. São Paulo: Centauro, 2006.

Baseado no texto, assinale a afirmação verdadeira.

- a) A história não é construída pelos homens porque ela é predefinida pelo destino.
- b) A história permite perceber que a realidade depende unicamente das escolhas dos homens.

c) A história é feita pelos homens dentro de condicionamentos herdados do passado.

d) A história não é feita pelo passado, e sim pelas circunstâncias das escolhas.

2) O que Max entende por Ideologia?

3) No início do *Manifesto do partido comunista* Marx e Engels afirmam que “a luta de classes é o moto da história”. Explique com suas palavras o que Marx entende por luta de classes e como ela pode ser entendida como a aquilo que movimenta a história.

4) O trabalho teórico de Karl Marx está fundamentado no que ele chamava de concepção materialista da história. O período em que viveu foi marcado pelas grandes mudanças causadas pelo crescente processo de industrialização dos países europeus. Marx testemunhou o crescimento das indústrias e fábricas, o inchamento dos meios urbanos e o conseqüente aumento vertiginoso das desigualdades sociais. De acordo com a concepção materialista, fundamentada por Marx e Friedrich Engels, as mudanças sociais que se passavam no decorrer da história humana estavam baseadas:

a) na condição humana de sempre perseguir o avanço e a evolução.

b) na condição material dos indivíduos de uma época.

c) no conjunto de valores e ideias que se desenvolvem em um determinado período.

d) nos avanços morais de cada época. Quanto maior o nível moral e ético do sujeito, mais evoluído ele ser.

5)(Uem 2012) Escrito há quase duzentos anos, por Karl Marx e Friedrich Engels, o *Manifesto Comunista* denunciava as desigualdades sociais vividas pelos homens na sociedade capitalista. Leia trecho dessa obra, reproduzido a seguir, e assinale o que for correto sobre o desenvolvimento econômico. “A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes.

Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas [...] A manufatura já não era suficiente. Em consequência disso, o vapor e as máquinas revolucionaram a produção industrial. O lugar da manufatura foi tomado pela indústria gigantesca moderna, o lugar da classe média industrial, pelos milionários da indústria, líderes de todo o exército industrial, os burgueses modernos” (MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. O Manifesto do Partido

Comunista. Rio de Janeiro: Paz e

Terra, 1998, 10ª Edição, p.09 e 11 – Coleção Leitura).

I- A passagem da manufatura para indústria gerou um processo de modificação do espaço natural que foi bastante equilibrado, sem prejuízos ao meio ambiente.

II - O trecho acima se refere ao contexto de formação da

sociedade capitalista e à composição dos antagonismos de classe, os quais opõem proprietários dos meios de produção e proprietários da força de trabalho.

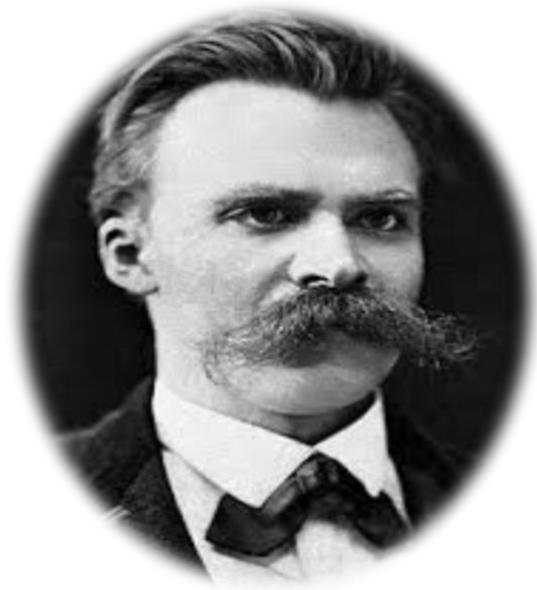
III - As relações estabelecidas pelas classes sociais na sociedade burguesa moderna são pautadas pela cooperação, a qual conduz ao desenvolvimento econômico gerador de melhor condição de vida para todos.

IV - As relações de troca se revolucionaram em virtude de o crescimento da burguesia moderna ter ocorrido na mesma proporção do crescimento da produção industrial.

V - O desenvolvimento da indústria está assentado no emprego do trabalho humano, o único detentor de conhecimento para alterar a matéria-prima, a partir do uso de instrumentos que ele mesmo produz.

Estão corretas:

- a) II, IV, V
- b) I, II, V
- c) III, IV, V
- d) I, IV, V
- e) I, II, III



FRIEDRICH

WILHELM

NIETZSCHE, nasceu no dia 15 de outubro de 1844 em Röcken, perto de Leipzig. Seu pai chamava-se Karl Ludwig, uma pessoa muito culta e delicada, os avós de Nietzsche eram pastores protestantes, pensando ele mesmo seguir esta mesma carreira.

Por causa do falecimento do pai em 1849 mudou-se para Naumburg com a família, uma pequena cidade às margens do rio Saale, onde Nietzsche cresceu na companhia da mãe, duas tias e da avó. Nietzsche era um aluno exemplar, seus colegas de classe o chamavam de “pequeno pastor”, mesmo mais tarde se afastando do cristianismo.

Em 1858, Nietzsche conseguiu uma bolsa para estudar na então famosa escola de Pforta, por onde passou o poeta Novalis e o filósofo Fichte. Nietzsche começa a afastar-se do cristianismo ao receber algumas influências, dentre elas, algumas leituras como as de Schiller, Hölderlin e Byron, e além de alguns professores.

Nietzsche era um aluno que desempenhava maestria nos estudos bíblicos, era excelente no grego, alemão e latim, seus principais autores entre os clássicos foram Platão (428-348) e Ésquilo (525-456).

Em seu último ano na escola de Pforta, escreveu um trabalho sobre o poeta Teógnis do século VI a.C. Em seguida foi para Bonn, onde se dedicou aos estudos de teologia e filosofia, mas sofrendo influência do seu professor Ritschl, abandonou esses estudos e passou a morar em Leipzig, onde dedicou-se a Filologia. Nietzsche seguindo esses passos investigou sobre Diógenes, Laércio, Hesíodo e Homero, com isso foi nomeado em

1869 professor de filologia em Basileia, onde permaneceu por dez anos. No que tange a filosofia, Nietzsche despertou para ela a partir da leitura de *O Mundo como Vontade de*

Representação, de Schopenhauer. Acabou sendo atraído pelo ateísmo de Schopenhauer.

Nietzsche foi chamado para servir as forças militares em 1867, mas um acidente em uma atividade de montaria acabou livrando-o dessa obrigação, e voltou para os estudos na cidade de Leipzig. Na universidade, passou a tratar das relações entre música e a tragédia grega, esboçando seu livro *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*.

A Alemanha entrou em guerra com a França em 1870, nesta situação serviu o exército como

enfermeiro, mas pouco tempo depois adoeceu, contraindo difteria e disenteria. Parece que por causa dessa enfermidade pode ter sido a origem das dores de cabeça e de estomago que acompanharam durante toda vida. Em um processo lento, Nietzsche voltou para Basiléia a fim de prosseguir com os estudos.

Em 1871, Nietzsche publicou *O Nascimento da Tragédia*, nesta obra, ele considera Sócrates (470-469 a.C) um sedutor, por fazer a juventude ateniense cair no mundo abstrato do pensamento, ou invadida pelo racionalismo, sendo assim uma influência decadente de Sócrates. Portanto, Nietzsche faz uma distinção de conceitos entre o *apolíneo* e *dionisíaco*.

Apolíneo, na mitologia grega é o deus da clareza, da luz, da razão e da ordem.

Dionisíaco, na mitologia grega é o deus do vinho, da exuberância, da desordem.

Para Nietzsche, a Grécia antiga chega ao seu fim, pois há uma separação no apolíneo, entre o trabalho manual e o intelectual, entre o cidadão e o político, entre o poeta e o filósofo, entre Éros e logos. Logo, na Grécia socrática há esse desinteresse ou morte da filosofia para Nietzsche.

Após sua obra *O nascimento da Tragédia*, não ser muito bem recebida

pela crítica, Nietzsche caía ainda mais enfermo, o que o levou a interromper a sua carreira acadêmica por um ano. Tratando de sua saúde e de volta aos estudos, mas ainda assolado pela enfermidade, sua voz era imperceptível. Em 1879 ele pede demissão do cargo. Nesta situação iniciou a crítica dos valores, escrevendo a obra *Humano, Demasiado Humano*, afastando-se dos amigos e da filosofia de Schopenhauer. Nietzsche procura destruir os obstáculos da moral e da metafísica. Com isso, para Nietzsche o homem é o próprio criador dos valores mas este se esquece de sua criação, e atribui a eles algo de transcendente, eterno e verdadeiro (Deus), enquanto os valores não são mais do que algo humano, demasiado humano.

Em 1882, Nietzsche escreveu a *Gaia Ciência*, em seguida Assim falou Zaratustra (1884, Para Além do Bem e Mal (1886, Crepúsculo dos Ídolos, Nietzsche contra Wagner (1888). Obras como *O Anticristo* e *Vontade de Potência* só apareceram depois de sua morte. Como diz Ferez (1999), que depois de 1888, Nietzsche passou a escrever cartas estranhas. Após um ano em Turim, enfrentou o topo de sua crise, escrevia cartas assinando “Dionísio”, as vezes assinava como “o crucificado”, acabou sendo internado em Basiléia, onde foi diagnosticado com uma ‘paralisia progressiva’. Possivelmente de origem sífilítica, o que progrediu lentamente até a agonia, falecendo em Weimar, em de 25 e Agosto de 1900.

† **Pensament**

OS

A forma de escrita de Nietzsche enriqueceu a filosofia, no estilo de aforismo, um processo fragmentado e aparentemente desconexos, sendo os aforismos sentenças dadas no que expressa curtamente todo um pensamento. Ferez (1999) diz que Nietzsche reúne duas capacidades de expressões, aforismos e poemas. O *aforismo* nietzschiano é a arte de interpretar e a coisa a ser interpretada. O *poema* como arte de avaliar e a própria coisa a ser avaliada.

Considerando a filosofia, para Nietzsche o tipo de filósofo encontrava-se entre os naturalistas, ou filósofos da *Physis*, (muito conhecido como pré-socráticos) no que consistia uma unidade entre o pensamento e vida, no qual a vida estimula o pensamento, e o pensamento afirmado pela vida. Mas o desenvolvimento do racionalismo carregou consigo a degeneração do que constituía a filosofia. (Observa-se os conceitos apolíneos e dionisíacos entrando em questão).

Nietzsche compreende que tal degeneração aparece com Sócrates, quando estabelece uma distinção entre dois mundos, oposições entre essencial e aparente, verdadeiro e falso, inteligível e sensível. Nietzsche

(Apud, Ferez. 1999. p.9) “Sócrates inventou a metafísica, fazendo da vida aquilo que deve ser julgado, medido, limitado, em nome de valores “superiores” como o Divino, o Verdadeiro, o Belo, O bem”. Com isso, Sócrates estabelece a era da razão, do homem teórico (apolíneo), que se opôs a era de toda tradição trágica (dionisíaco).

† **A morte de Deus**

Para Nietzsche, o cristianismo constitui um mundo terreno como um vale de lágrimas, que contrasta com um mundo de felicidade eterna e além. Em sua compreensão o cristianismo é a forma terminada de corrupção dos instintos que caracteriza o platonismo, que recai sobre dogmas e crenças que levam à consciência fraca e escravizada fugir da vida, das dores e das lutas.

Nietzsche entende que os escravos e os derrotados que inventaram o ‘além’ para compensar a miséria, criaram falsos valores para consolo das impossibilidades de participar no valores dos fortes e vencedores. Inventaram o mito da salvação da alma porque não possuíam o corpo, elaboraram a concepção de pecado porque não podiam participar das alegrias terrenas e do pleno gozo dos instintos da vida. Com isso, Nietzsche faz um profundo ataque ao cristianismo, com o instinto dionisíaco do homem grego saudável que ama a vida e o trágico e é totalmente terreno, por um outro lado anuncia a “morte de Deus”.

Em *A Gaia Ciência*, o homem louco anuncia a morte de Deus, isso reflete que a civilização ocidental aos poucos e por razões distintas afastouse de Deus, não fazendo-o necessário, foi assim que o matou.

Contudo, com a “morte de Deus” desaparece todos os valores que serviram de base da vida, e o desdobramento de disso, perde-se todo o ponto de referências.

Reale (2018), diz que eliminouse do mundo o sobrenatural, porém, infringiu-se também a tábua dos valores. Encontrando-se a humanidade sem um ponto de referência. Com a morte de Deus, desaparece o velho homem, mas o novo ainda não surgiu. Mas este fato, para Nietzsche, encontrava-se em andamento, ou seja, não era do conhecimento de todos. Este evento da “morte de Deus” divide a história, pois todos os que nascerem depois disto, pertencerá a uma história mais alta do que qualquer outra.

Desembocando no *niilismo*.

† **Niilismo**

É destacado por (REALE, 2018.

p.249) que, “Nietzsche compreende que não há valores absolutos no mundo, o mundo não tem um sentido”. O niilismo é a consequência necessária do cristianismo, pois quando a ilusão perde a máscara o que resta é nada, o abismo do nada. Para Nietzsche quando cai “as mentiras de vários

milênios”, isto é, o cristianismo, o homem fica sem os enganos das ilusões. A condição que o mundo se encontra e isso por toda a eternidade é de caos. No sentido de uma ausência de ordem ou de estrutura, de forma, sabedoria e beleza. Não há ordem e nem sentido, um incessante dionisíaco.

† **O super-homem**

O super-homem ressalta o sentido terreno, o homem novo que deve criar um sentido novo da terra, abandonar as velhas “prisões” e quebrar os antigos tocos de árvores. Para Nietzsche, o homem deve criar um homem novo, isto é, o superhomem, um homem que está para além do próprio homem. Este é o homem que ama a terra, e seus valores seriam o amor, a saúde, e a embriaguez dionisíaca.

Exercícios

1) (Ufsj 2012) Nietzsche identificou os deuses gregos Apolo e Dionísio, respectivamente, como

- a) complexidade e ingenuidade: extremos de um mesmo segmento moral, no qual se inserem as paixões humanas.
- b) movimento e niilismo: polos de tensão na existência humana.
- c) alteridade e virtude: expressões dinâmicas de intervenção e subversão de toda moral humana.
- d) razão e desordem: dimensões complementares da realidade.

2) (UFFS – FEPESE – 2010) No pensamento de Nietzsche, pode-se encontrar grande quantidade de considerações a respeito dos valores.

Assinale a alternativa que não está de acordo com a filosofia de Nietzsche sobre os valores.

- a) A perda da fé em Deus conduz à desvalorização de todos os valores.
- b) É preciso reconhecer que, pelos seus próprios critérios, nossa moral é imoral.
- c) Deve-se criar novos valores por meio da vontade de potência.
- d) A moral deve expressar as condições de vida e de desenvolvimento de um povo.
- e) Não existe papel para a razão na compreensão dos valores.

3) (UEG) No século XIX, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche vislumbrou o advento do “super-homem” em reação ao que para ele era a crise cultural da época. Na década de 1930, foi criado nos Estados Unidos o Super-Homem, um dos mais conhecidos personagens das histórias em quadrinhos. Qual a diferença entre os dois “super-homens”?

4) O que Nietzsche entende por Vontade de potência?

5) (Ufsj) “O homem projetou em

torno de si seus três dados interiores, nos quais cria firmemente: a vontade, o espírito e o eu. Primeiramente, deduzo a noção do ser da noção do eu, representando-se as coisas como existentes a sua imagem e semelhança, de acordo com sua noção do eu enquanto causa. Que tem de estranho que depois tenha encontrado nas coisas apenas aquilo que eu mesmo tinha colocado nelas? ”O fragmento acima representa uma

a) descrição da máxima nietzscheana fundada na ideia da vontade de poder, em que “o poder nos leva a acreditar num mundo objetivamente construído”, o que se constitui no erro da causalidade.

b) crítica ferrenha de Nietzsche a toda manifestação apolínea fundada na subjetividade ou na construção do eu a partir de uma vontade imanente declarada no erro da confusão entre a causa e o efeito.

c) posição nietzscheana sobre as causas imaginárias, que revela o fracasso da existência humana a partir da crença que nutrimos em relação ao eu e ao ser e ao ordenamento que insistimos em dar para as coisas reafirmadas num logos.

d) consideração na qual Nietzsche aprofunda as suas convicções acerca do erro como causalidade falsa e repercute a ideia da crença que temos num mundo interior repleto de fantasmas e de reflexos enganosos.

6) Com base nas aulas, a Filosofia de Nietzsche pode ser entendida como Niilista ou como combatente do Niilismo? Justifique sua resposta.



Freud

✚ **Vida¹¹**

Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico neurologista e importante psicólogo austríaco. Foi considerado o pai da psicanálise, que influenciou consideravelmente sobre a Psicologia Social contemporânea.

Sigmund Schlomo Freud nasceu em Freiberg, na Morávia, então pertencente ao Império Austríaco, no dia 6 de maio de 1856. Filho de Jacob Freud, pequeno comerciante e de Amalie Nathanson, de origem judaica, foi o primogênito de sete irmãos. Aos quatro anos de idade, sua família muda-se para Viena, onde os judeus

tinham melhor aceitação social e melhores perspectivas econômicas.

Desde pequeno mostrou-se brilhante aluno. Aos 17 anos, ingressou na Universidade de Viena, no curso de Medicina. Durante os anos de faculdade, deixou-se fascinar pelas pesquisas realizadas no laboratório fisiológico dirigido pelo Dr. E. W. von Brucke. De 1876 a 1882, trabalhou com esse especialista e depois no Instituto de Anatomia sob a orientação de H. Maynert. Concluiu o curso em 1881 e resolveu tornar-se um clínico especializado em neurologia.

¹¹ Texto foi retirado de FRAZÃO, Dilva. **Sigmund Freud**. Ebiografia, 2018. Disponível em:

Durante alguns anos, Freud trabalhou em uma clínica neurológica para crianças, onde se destacou por ter descoberto um tipo de paralisia cerebral que mais tarde passou a ser conhecida pelo seu nome. Em 1884 entrou em contato com o médico Josef Breuer que havia curado sintomas graves de histeria através do sono hipnótico, onde o paciente conseguia se recordar das circunstâncias que deram origem à sua moléstia.

Chamado de “método catártico” constituiu o ponto de partida da psicanálise.

https://www.ebiografia.com/sigmund_freud/
acesso em 10 de Junho de 2019.

Em 1885, Freud obteve o mestrado em neuropatologia. Nesse mesmo ano ganhou uma bolsa para um período de especialização em Paris, com o neurologista francês J. M. Charcot. De volta a Viena, continuou suas experiências com Breuer. Publicou, junto com Breuer, “Estudos sobre a Histeria” (1895), que marcou o início de suas investigações psicanalíticas.

Em 1923, já doente, Freud passou pela primeira cirurgia para retirar um tumor no palato. Passou a ter dificuldades para falar, sentia dores e desconforto. Seus últimos anos de vida coincidiram com a expansão do nazismo na Europa. Em 1938, quando os nazistas tomaram Viena, Freud, de origem judia, teve seus bens confiscados e sua biblioteca queimada. Foi obrigado a se refugiar em Londres, após um

pagamento de resgate, onde passou os últimos dias de sua vida.

Sigmund Freud morreu em Londres, Inglaterra, no dia 23 de setembro de 1939

‡ **Psicanálise**

A psicanálise é um campo clínico e de investigação teórica da psique humana que é independente da psicologia, ela possui uma origem na medicina, tendo sido desenvolvida pelo austríaco Sigmund Freud. A psicanálise pode ser compreendida como uma teoria da personalidade e um procedimento de psicoterapia, a psicanálise apesar de ser relativamente nova influenciou e influencia muitas outras correntes do pensamento e disciplinas das ciências humanas, gerando assim uma base que fomenta a discussão e a compreensão da ética, da moral e até mesmo da cultura humana. Para Freud a psicanálise pode ser definida como um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo de investigação da psique, para ele a psicanálise se desenvolve no campo restrito, tendo como função restrita no seu início a compreensão de algo da natureza daquilo que era conhecido como "doenças nervosas funcionais", tendo em vista a superação da impotência que até aquele momento caracterizava o seu tratamento médico.

No período em que a psicanálise se desenvolve os neurocientistas da época não se preocupam em dá a importância necessária a .psique humana, questões fisiológicas e anatômicas são bem

mais relevantes para eles do que o estudo e avaliação da mente humana - deixando assim esse estudo para os filósofos - porém Freud vai mais além e unindo seu conhecimento médico com o seu conhecimento filosófico formula a teoria da psicanálise, ou melhor cria um novo método de investigação da mente humana, tal ato do médico austríaco pode ser visto como uma revolução para essa área até então.

Freud assim desenvolve a psicanálise em clínicas psiquiátricas em que trabalhou, ao escutar seus pacientes o médico acreditava que seus problemas poderiam se originar da não aceitação cultural, ou seja, seus desejos eram parcialmente ou totalmente reprimidos, eram então "direcionados" ao inconsciente, ele nota também que muitos desses desejos eram de cunho sexual. Dessa forma para Freud o paciente tinha que de alguma forma fazer como que esses desejos e pensamentos postos no inconsciente tornassem-se conscientes, sendo assim o método básico da psicanálise será o manejo da transferência e da resistência em análise, o paciente analisado deverá ser posto de forma a se sentir relaxado, para então ser solicitado a dizer tudo

que por ventura lhe vier a mente - esse procedimento será conhecido como método da associação livre - escutando o

¹² Trecho retirado de BOCK, Ana; FURTADO,

analisado, o analista deve manter uma postura empática e de neutralidade, uma postura que não ofereça julgamentos, visando a criação de um ambiente seguro para que o analisado possa expressar seus pensamentos e desejos.

† **A Estrutura do aparelho psíquico**¹²

Em 1900, no livro *A interpretação dos sonhos*, Freud apresenta a primeira concepção sobre a estrutura e o funcionamento da personalidade. Essa teoria refere-se à existência de três sistemas ou instâncias psíquicas: inconsciente, pré-consciente e consciente.

- *O inconsciente* exprime o “conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência”⁷. É constituído por conteúdos reprimidos, que não têm acesso aos sistemas pré-consciente/consciente, pela ação de censuras internas. Estes conteúdos podem ter sido conscientes, em algum momento, e ter sido

introdução ao estudo de psicologia. São Paulo – SP: Saraiva, 2001, p. 95-96.

reprimidos, isto é, “foram” para o inconsciente, ou podem ser genuinamente inconscientes. O

Odaire; TEIXEIRA, Ariana. **Psicologias**: uma

inconsciente é um sistema do aparelho psíquico regido por leis próprias de funcionamento. Por exemplo, é atemporal, não existem as noções de passado e presente.

- O *pré-consciente* refere-se ao sistema onde permanecem aqueles conteúdos acessíveis à consciência. É aquilo que não está na consciência, neste momento, e no momento seguinte pode estar.

- O *consciente* é o sistema do aparelho psíquico que recebe ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as do mundo interior.

Na consciência, destaca-se o fenômeno da percepção, principalmente a percepção do mundo exterior, a atenção, o raciocínio.

A segunda teoria do aparelho psíquico¹³

Entre 1920 e 1923, Freud remodela a teoria do aparelho psíquico e introduz os conceitos de id, ego e superego para referir-se aos três sistemas da personalidade.

O *id* constitui o reservatório da energia psíquica, é onde se “localizam” as pulsões: a de vida e a de morte. As características atribuídas ao sistema inconsciente, na primeira teoria, são, nesta teoria, atribuídas ao id. É regido pelo princípio do prazer.

¹³ Trecho retirado de BOCK, Ana; FURTADO,

O *ego* é o sistema que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id, as exigências da realidade e as “ordens” do superego.

Procura “dar conta” dos interesses da pessoa. É regido pelo princípio da realidade, que, com o princípio do prazer, rege o funcionamento psíquico. É um regulador, na medida em que altera o princípio do prazer para buscar a satisfação considerando as condições objetivas da realidade. Neste sentido, a busca do prazer pode ser substituída pelo evitamento do desprazer. As funções básicas do ego são: percepção, memória, sentimentos, pensamento.

O *superego* origina-se com o complexo de Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. A moral, os ideais são funções do superego.

O

introdução ao estudo de psicologia. São Paulo – SP: Saraiva, 2001, p. 99-100.

conteúdo do superego refere-se a exigências sociais e culturais.

Para compreender a constituição desta instância — o superego — é necessário introduzir a ideia de sentimento de culpa. Neste estado, o indivíduo sente-se culpado por alguma coisa errada que fez — o que parece óbvio — ou que não fez e desejou

Odair; TEIXEIRA, Aria. **Psicologias**: uma

ter feito, alguma coisa considerada má pelo ego mas não, necessariamente, perigosa ou prejudicial; pode, pelo contrário, ter sido muito desejada. Por que, então, é considerada má? Porque alguém importante para ele, como o pai, por exemplo, pode puni-lo por isso. E a principal punição é a perda do amor e do cuidado desta figura de autoridade.

- a) definidas pelos juízes dos tribunais.
- b) definidas pelos códigos jurídicos.
- c) regidas pelo ego e superego.
- d) regidas pelo inconsciente.
- e) regidas pelos direitos humanos.

5) Para Freud, a associação livre é um método que parte superior do formulário

a) consiste em reprimir conteúdo do inconsciente, favorecendo uma sensação de bem-estar ao cliente, que sofre traumas advindos de um Complexo de Édipo não constelado.

b) reproduz de forma linear os pensamentos do cliente codificando os estímulos que provocaram dor e hoje são vivenciados pelo cliente como fobias.

c) evidencia respostas negativas a estímulos sensoriais que se expressam diante de eventos positivos que mereciam ser vivenciados sem dor..

d) consiste em o paciente exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que vem à sua mente, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea.

O Exercícios

1) Qual a diferença entre Id, ego e superego para Freud?

2) O que Freud entende por Inconsciente?

3) Qual a influência da Psicanálise para as demais áreas do conhecimento, especialmente Filosofia e Sociologia?

4) O sujeito do Direito é aquele que age consciente de seus direitos e deveres e que segue leis estabelecidas em um dado ordenamento jurídico. Já, para a Psicanálise, o sujeito está assujeitado às leis :

2 **Unidade**

Nesta segunda unidade será apresentado quatro grandes Filósofos, são eles os frankfurtianos: Theodor Adorno, Max Horkheimer e Habermas, além do francês Michael Foucault. Os Frankfurtianos são responsáveis pela teórica crítica, uma vertente do pensamento marxista que se desenvolve no instituto de Frankfurt, Horkheimer e Adorno que após os eventos de perseguição política na Alemanha nazista se refugiam nos EUA são fundamentais no estudo cultural do século XX, é na dialética do esclarecimento (escrita pelos dois) que é usado pela primeira vez o termo indústria cultural, que faz referente ao uso da cultura de forma política, a massificação da produção cultural, ao dois também são responsáveis por uma forte crítica a razão. Porém o Frankfurtiano que se destaca pela forte crítica a uma razão instrumental é Habermas, o filósofo alemão é sem dúvida um dos grandes filósofos contemporâneos, sua crítica a falência da razão em nossa época é uma importante chave de leitura para os eventos acontecidos no início do século XX e no decorrer do século XX e XXI.

Outro importante filósofo presente nesta unidade é o francês Michele Foucault, o filósofo francês é responsável por uma importante produção filosófica, seus estudos historiográficos e políticos são fundamentais para tentarmos entender o nosso tempo, dono de uma vida intencional e controversa, Foucault tem importantes contribuições a história da filosofia.

Todos os filósofos aqui presentes possuem um importante trabalho para a história da filosofia contemporânea, suas pesquisas e teorias são de suma importância para nossa sociedade, poderíamos aqui trabalhar inúmeros filósofos, mas compreendemos que os presentes neste trabalho nos ajudaram a compreender o nosso tempo.

A ESCOLA DE FRANKFURT

ESCOLA DE FRANKFURT



A escola de Frankfurt surgiu do *Instituto de Pesquisa Social*, fundado em Frankfurt nos

inícios da década de 1920. Em 1931 Max Horkheimer tornou-se diretor do Instituto; com ele a Escola se caracterizou como centro de elaboração e propagação da *teoria crítica da sociedade*¹⁴.

De orientação “socialista” e “materialista”, a Escola elaborou suas teorias e desenvolveu suas pesquisas à luz das categorias de *totalidade* e de *dialética*: a pesquisa social não se dissolve em pesquisas especializadas e setoriais; a sociedade deve ser pesquisada “como um todo” nas relações que ligam uns aos

¹⁴ É a teoria proposta e desenvolvida pela Escola de Frankfurt, contrária ao tipo de trabalho da sociologia empírica americana. Para os de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, Marcuse etc.), a sociologia não se reduz nem

se dissolve em pesquisas setoriais e especializadas, em pesquisas de mercado (típicas, estas, da sociologia americana). A pesquisa social para eles é, ao contrário, “a teoria da sociedade como um todo”, uma teoria

outros os âmbitos econômicos com os culturais e psicológicos.

É aqui que se instaura a ligação entre hegelianismo, marxismo e freudismo, que tipificará a Escola de Frankfurt. A teoria crítica pretende fazer emergir as contradições fundamentais da sociedade capitalista e aponta para “um desenvolvimento que leve a uma sociedade sem exploração”.

Com a tomada do poder por parte de Hitler o grupo de Frankfurt emigra primeiro para Genebra, depois para Paris e, finalmente, para Nova York. Depois da Segunda Guerra Mundial Marcuse, Fromm, Löwenthal e Vittfogel permanecem nos Estados Unidos; ao passo que Adorno, Horkheimer e Pollock voltam para Frankfurt, onde, em 1950, renasce o Instituto para a pesquisa social.

† TOTALIDADE
E DIALÉTICA
COMO
CATEGORIAS
FUNDAMENTAIS DA
PESQUISA SOCIAL

posta sob o signo das categorias da *totalidade* e da *dialética*, e dirigida ao exame das relações existentes entre os âmbitos econômicos, psicológicos e culturais da sociedade contemporânea. Tal teoria é *crítica* enquanto dela emergem as contradições da sociedade industrializada moderna e particularmente da sociedade capitalista. Para maior precisão: o teórico crítico “é o teórico cuja única preocupação consiste

em um desenvolvimento que leve a uma sociedade sem exploração”.

A Escola de Frankfurt teve sua origem no Instituto de Pesquisa Social fundado em Frankfurt no início da década de 1920, com um legado de Félix Klein, homem abastado e progressista. O primeiro diretor do Instituto foi Karl Grunberg, marxista austríaco, historiador da classe operária. Sucedeu-lhe inicialmente Friedrich Pollock e mais tarde, em 1931, Max Horkheimer. E foi precisamente com a nomeação de

Horkheimer como diretor que o Instituto passou a adquirir importância sempre maior, assumindo a fisionomia de uma Escola, que elaborou o programa que passou para a história das ideias com o nome de “teoria crítica da sociedade”. A revista do Instituto era o “Arquivo de história do socialismo e do movimento operário”, onde não apareciam somente estudos sobre o movimento operário, mas também escritos de Karl Korsch (inclusive seu trabalho *Marxismo e filosofia*), Gyorgy Lukács e David Riaznov, diretor do Instituto Marx-Engels de Moscou.

Em 1932, porém Horkheimer deu vida à “Revista de pesquisa social”, que pretendia retomar e desenvolver a temática do “Arquivo”, mas que se apresentava com um posicionamento certamente “socialista” e “materialista”, cuja tônica, porém, era posta na *totalidade* e na *dialética*: a pesquisa social é “a teoria da sociedade como um todo”; ela não se resume ou se dissolve em investigações especializadas e setoriais, mas tende a examinar as relações que ligam reciprocamente os âmbitos econômicos com os históricos, bem como os psicológicos e culturais, a partir de uma visão global e crítica da sociedade contemporânea.

É aqui que se instaura o laço entre *hegelianismo*, *marxismo* e *freudismo* que caracteriza a Escola de Frankfurt e que, embora nas diversas variantes apresentadas pelos vários pensadores da Escola, viria a ser um constante ponto de referência da *teoria crítica da sociedade*.

Na intenção de Horkheimer, a teoria crítica da sociedade surge para “encorajar uma teoria da sociedade existente considerada como um todo”, mas precisamente uma teoria crítica, ou seja, capaz de fazer emergir a contradição fundamental da sociedade capitalista. Em poucas palavras: o teórico crítico é “o teórico cuja única preocupação consiste no desenvolvimento que conduza à sociedade sem exploração”. A teoria crítica pretende ser uma compreensão totalizante e dialética da sociedade humana em seu conjunto e, para sermos mais exatos, dos mecanismos da sociedade industrial avançada, a fim de promover sua transformação racional que leve em conta o homem, sua liberdade, sua criatividade, seu desenvolvimento harmonioso em colaboração aberta e fecunda com os outros, ao invés de um sistema opressor e de sua perpetuação.

Para compreendê-las corretamente, as teorias da Escola de Frankfurt devem ser adequadamente enquadradas no arco do período histórico em que foram elaboradas: trata-se do período do pós-guerra, que fez a experiência do fascismo e do nazismo no Ocidente, e a do stalinismo na Rússia; que depois foi atravessado pelo furacão da Segunda Guerra Mundial e que assistiu ao desenvolvimento maciço, onipresente e irrefreável da sociedade tecnológica avançada.

Desse modo, podemos encontrar no centro das reflexões da Escola de Frankfurt tanto as mais importantes questões políticas como também os problemas teóricos sobre os quais se delongara o marxismo ocidental (Lukács, Korsch), em contraste com pensadores como Dilthey, Weber, Simmel, Husserl ou os neokantianos, contraste que os francofortianos

ampliaram também para o existencialismo e o neopositivismo.

O fascismo, o nazismo, o stalinismo, a guerra fria, a sociedade opulenta e a revolução não realizada, por um lado; e, por outro lado, a relação entre Hegel e o marxismo e entre este e as correntes filosóficas contemporâneas, como também a arte de vanguarda, a tecnologia, a indústria cultural, a psicanálise e o problema do indivíduo na sociedade moderna são temas que se interligam na reflexão dos expoentes da Escola de Frankfurt.

THEODOR ADORNO

† **Vida**



Theodor Adorno (1903-1969) foi um filósofo, sociólogo e musicólogo alemão, um destacado representante da chamada “Teoria Crítica da Sociedade” desenvolvida no Instituto de Pesquisas Sociais (Escola de Frankfurt). Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969), conhecido como Theodor Adorno, nasceu em Frankfurt, Alemanha, no dia 11 de setembro de 1903. Filho de Oscar Alexander Wiesengrund, de origem judaica, um bem sucedido negociante de vinhos e de Maria Calvelli-Adorno, uma cantora lírica, descendente de italianos católicos.

Theodor Adorno recebeu uma excelente formação, estudou música com a pianista Agathe, sua tia, por parte de mãe, foi aluno do escritor Siegfried Kracauer, frequentou o Kaiser-Wilhelm-Gymnasium, teve aulas de composição com Bernhard Sekles e nas tardes do sábado lia Immanuel Kant com o escritor e sociólogo Siegfried Kracauer. Em 1923 conheceu seus dois principais parceiros intelectuais – Max Horkheimer e Walter Benjamin.

Em 1924 gradua-se em Filosofia pela Universidade de Frankfurt, com a tese sobre Edmund Husserl (filósofo que estabeleceu a escola de fenomenologia). Em 1925 Theodor Adorno vai para Viena, na Áustria, onde mergulha na música com aulas de composição musical com Alban Berg e de piano com Eduard Steuermann.

De volta à Alemanha, se dedica ao Instituto de Pesquisas Sociais, e conclui o doutorado, em 1931, pela mesma universidade, e em 1933 apresenta o trabalho sobre o filósofo dinamarquês Kierkegaard.

Durante dois anos, lecionou Filosofia na Universidade de Frankfurt, mas a fim de escapar da perseguição do regime nazista, se viu obrigado a emigrar primeiro para Paris e depois para a Inglaterra, onde lecionou Filosofia na Universidade de Oxford. Em 1937, Adorno foi para os Estados Unidos, onde colaborou decisivamente com o Instituto de Pesquisas que foi reconstituído na Universidade de Columbia. Entre 1938 e 1941 exerceu o cargo de diretor musical do setor de pesquisas da Rádio Princeton. Foi vicediretor do Projeto de Pesquisas sobre a Discriminação Social da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Em 1950, Theodor Adorno estava novamente na Europa e em 1953 voltou a residir em

Frankfurt e retomou sua classe de filosofia da Universidade de Frankfurt. Assumiu o cargo de codiretor do Instituto de Pesquisas Sociais, então anexo a Universidade. Mais conhecido como “Escola de Frankfurt”, o instituto constituiu o núcleo de uma linha de pensamento filosófico-político desenvolvido por Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Wilhelm Reich, Jüger Habermas e Theodor Adorno. A “Teoria Crítica” proposta por esses pensadores se opõe à teoria tradicional e toma a própria sociedade como objeto e rejeita a ideia de produção cultural independente da ordem social em vigor.

A “Indústria Cultural”, termo criado por Adorno, foi um dos temas principais de sua reflexão. O termo foi criado para designar a exploração sistemática e programada dos bens culturais com finalidade do lucro. Segundo ele, a indústria cultural traz consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno. A obra de arte, por exemplo, produzida e consumida segundo os critérios da sociedade capitalista se rebaixa ao nível de mercadoria e perde sua potencialidade de crítica e contestação.

Sua amizade com Siegfried Kracauer e com Walter Benjamin exerceu grande influência em sua obra. Com a colaboração de Max Horkheimer escreveu

“Dialética do Esclarecimento” (1944). Entre outras obras destacam-se: “A Indústria Cultural – o Iluminismo como Mistificação das Massas” (1947), “Filosofia da Nova

Música” (1949), “Crítica Cultural e Sociedade” (1949), “Tempo Livre” (1969) e “Teoria Estética” (obra póstuma, 1970). Theodor Adorno faleceu em Visp, na Suíça, no dia 6 de agosto de 1969.

MAX HORKHEIMER

✚
Vida



Max Horkheimer (1895-1973) foi um filósofo, sociólogo alemão e autor de uma teoria crítica da sociedade.

Max Horkheimer nasceu em 14 de fevereiro de 1895, em Stuttgart. De origem judaica, era filho de um industrial chamado Mortitz Horkheimer, a qual estava destinado a dar continuidade aos negócios paternos. Aproximou-se, porém, das letras, tendo estudado literatura e chegando a escrever alguns romances.

Entre 1913 e 1914, viveu em Londres e Bruxelas para aperfeiçoar seus conhecimentos de inglês e francês, em companhia de um amigo, Friedrich Pollock, com quem viria a frequentar as universidades de Munique, Freiburg e Frankfurt. Nessa época interessou-se por psicologia, sob a orientação de Adhemar Gelb, teórico da *Gestalttheorie* (Teoria da Forma), depois por filosofia, iniciando-se na leitura da obra de Schopenhauer e defendendo, em 1922, sob

orientação de Hans Cornelius, uma tese de doutorado sobre o pensamento de Kant, que se intitulava “Contribuição à antinomia da faculdade de julgar teleológica”. Em seguida, descobriu Marx e Engels.

Por intermédio de seu amigo Pollock, Horkheimer associou-se em 1923 à criação do Instituto para a Pesquisa Social, do qual foi diretor, em 1931, sucedendo o historiador austríaco Carl Grunberg. Este já era conhecido como editor do periódico *Arquivo para a História do Socialismo e do Movimento Operário*, os *Arquivos Grunberg*, que visavam preencher uma lacuna nas ciências sociais: a história do movimento trabalhista e do socialismo. Para sancionar universitariamente essas funções, Horkheimer apresenta um trabalho sobre *As origens da filosofia burguesa da história*. Sob sua direção, o Instituto passou a ter uma revista própria, a *Revista para a Pesquisa Social*.

O Instituto para a Pesquisa Social, que devia ter-se denominado *Instituto para o Marxismo* — ideia abandonada, em parte, pelo antimarxismo dominante nos meios acadêmicos da época — foi fechado quando, em março de 1933, Hitler chegou ao poder e o “círculo de Frankfurt” foi considerado responsável por “tendências hostis ao Estado”. Na ocasião, Horkheimer se encontrava em Genebra, na Suíça, onde havia um anexo do Instituto, e passou a dirigi-lo, agora no exílio forçado. Ao mesmo tempo, mais dois pequenos anexos do Instituto eram criados: um em Londres e outro em Paris, em 1933, orientado pelos sociólogos da cultura, Halbwachs e pelo filósofo Bergson.

A revista do Instituto foi publicada em Paris pela editora Félix Alcan entre 1933 e 1940. Quanto a Horkheimer, passou a publicar seus escritos em Zurique, sob o pseudônimo de Heinrich Regius. Em 1934 viajou para os Estados Unidos e, a convite de Butler, fixou-se em Nova York naquele mesmo ano. Em 1948, com o fim da Segunda Guerra e do nazismo, voltou para a Alemanha; a disciplina por ele ministrada no passado — que tratava da metafísica materialista, entendida nos meios universitários alemães como mescla de judaísmo e comunismo — foi restabelecida em julho de 1949, e o Instituto retomou suas funções em agosto de 1950. Horkheimer tornou-se diretor do Departamento de Filosofia e, em seguida, Reitor da Universidade de Frankfurt (1951-1953), época em que recebeu o Prêmio Goethe.

Em 1954, voltou aos Estados Unidos e continuou a lecionar na Universidade de Chicago. Mais tarde, em 1958, tendo-se aposentado, mudou-se para Montagnola, na Suíça, em companhia de seu sempre amigo Pollock. Entre 1967 e 1970, manifestou-se pela reedição de suas obras e as de outros autores da Escola de Frankfurt.

Max Horkheimer faleceu em 7 de julho de 1973, em Nuremberg.

As principais obras de

Horkheimer são: "Materialismo e Moral" (1933), "Teoria Tradicional e

Teoria Crítica” (1937), “Eclipse da Razão” (1947), “Teoria Crítica Ontem e Hoje” (1970).

‡ O “LUCRO” E O “PLANEJAMENTO” COMO GERADORES DE REPRESSÃO

Em 1939, Horkheimer afirma que “o fascismo é a verdade da sociedade moderna”. Mas acrescenta logo que “quem não quer falar do capitalismo deve calar também sobre o fascismo”. E isso porque, em sua opinião, o fascismo está dentro das leis do capitalismo: por trás da “pura lei econômica” — que é a lei do mercado e do lucro —, que está a “pura lei do poder”.

E o comunismo, que é capitalismo de Estado, constitui uma variante do Estado totalitário. As organizações proletárias de massa também constituíram estruturas burocráticas e, na opinião de Horkheimer, nunca foram além do horizonte do capitalismo de Estado. Aqui, o princípio do plano substituiu o do lucro, mas os homens continuam como objetos de administração centralizada e burocratizada.

O lucro por um lado e o controle do plano por outro geraram repressão sempre maior. Portanto, o que estrutura a sociedade industrial é uma lógica perversa. E a intenção do trabalho de Horkheimer intitulado Eclipse da Razão. Crítica da razão instrumental (1947) é a de “examinar o conceito de racionalidade que está na base da cultura industrial moderna, e procurar estabelecer se esse conceito não contém defeitos que o viciam de modo essencial”.

‡ A RAZÃO INSTRUMENTAL

A razão subjetiva (instrumental) é a faculdade que torna possível as nossas ações. É a faculdade de classificação, inferência e dedução, ou seja, é a faculdade que possibilita o “funcionamento abstrato do mecanismo de pensamento”. (Horkheimer, 1974, p. 11). Essa razão se relaciona com os meios e fins. Ela é neutra, formal, abstrata e lógico-matemática. “A razão subjetiva se revela como a capacidade de calcular probabilidades e desse modo coordenar os meios corretos com um fim determinado” (Horkheimer, 1974, p. 13).

Por sua vez, a razão objetiva (Logos), conhecida desde a época clássica da história da Grécia, era considerada o principal conceito da filosofia. A razão não é somente uma faculdade mental, mas é também do mundo objetivo. Existe uma ordem, uma harmonia por trás do mundo, uma racionalidade objetiva. A razão se manifesta nas relações entre os seres humanos, na organização da sociedade, em suas instituições, na natureza e no cosmo. As teorias de Platão, Aristóteles, o escolasticismo e o idealismo alemão se fundamentam sobre uma teoria objetiva da razão.

Durante a evolução do conhecimento a faculdade subjetiva do pensar foi tomando o lugar da razão objetiva. A faculdade subjetiva de pensar foi o instrumento crítico que dissolveu os conceitos da mitologia e da filosofia (razão objetiva) como mera superstição. A luta da razão subjetiva contra a mitologia e a filosofia, ao denunciá-las como falsa objetividade, teve que usar conceitos que reconheceu como válidos, como a lógica formal e a matemática. O resultado disso foi que nenhuma realidade particular pode ser vista como racional. A razão na busca de uma objetividade cada vez maior se formalizou. Em sua formalização a razão foi transformando o pensamento em um simples instrumento.

O livro “Dialética do Esclarecimento”, publicado em 1947, escrita a quatro mãos por Adorno e Horkheimer,

também mostra-nos como a razão emancipatória objetiva se converteu em razão instrumental subjetiva. O objetivo deste livro foi o de investigar a autodestruição da razão. Por que a humanidade através do progresso técnico e científico não alcançou sua maioria e sim sucumbiu a um estado de barbárie? Sua tese principal nos revela o lado oculto do esclarecimento, sua história subterrânea. Para Adorno e Horkheimer a razão não atingiu seu fim, pois a razão é em sua própria essência um mito: “O mito é esclarecimento, e o esclarecimento acaba por converter-se em mito”. Esses pensadores analisaram o conceito de razão em seu desdobramento dialético, que em sua evolução buscava se emancipar da mitologia e da metafísica conduzindo a sua autonomia e a sua autodeterminação. Contudo, essa razão onipotente, dominadora da natureza, emancipatória, que buscava submeter à natureza e a sociedade à objetividade da razão não atingiu seu fim. A razão se transformou em mera abstração, mero instrumento formal. “Razão significa triunfo da máquina, do trabalho, da natureza útil e grátis, razão mistificada que se realiza como razão instrumental, pela qual a natureza, o útil-grátis, é espoliado pela máquina e pelo trabalho. Mistificada porque é o lado abstrato da regularidade, da disciplina do trabalho legitimador dessa prática de pilhagem – prática do trabalho para o capital, da exploração dos homens para o capital”.

(Matos, 1989, 130).

A grande conseqüência da racionalidade instrumental foi à perda da autonomia do indivíduo. A racionalidade técnica eliminou qualquer tentativa de ruptura. O aparato produtivo e as mercadorias se impõem ao sistema social como um todo. Os consumidores dos produtos e das formas de bem estar social tornaram-se prisioneiros do capital. Adorno e Horkheimer detectaram uma civilização que chegou a uma dialética sem síntese. Nós vivemos na eterna contradição entre produtividade e destruição, dominação e

progresso, prazer e infelicidade. Não houve a síntese libertadora de uma sociedade livre e feliz.

† A NOSTALGIA DO TOTALMENTE “OUTRO”

Marxista por ser contrário ao nacional-socialismo, Horkheimer desde o início nutriu dúvidas sobre o fato de “se a solidariedade do proletariado pregada por Marx era verdadeiramente o caminho para chegar a uma sociedade justa”. Na realidade — observa Horkheimer em *A nostalgia do totalmente Outro* (1970) — as ilusões de Marx logo vieram à tona: “A situação social do proletariado melhorou sem a revolução, e o interesse comum não é mais a transformação radical da sociedade, e sim a melhor estruturação material da vida”. E, na opinião de Horkheimer, existe uma solidariedade que vai além da solidariedade de determinada classe: é a solidariedade entre todos os homens, a “solidariedade que deriva do fato de que todos os homens devem sofrer, devem morrer e são finitos”.

Diante da dor do mundo e diante da injustiça, não podemos ficar inertes.

Mas nós, homens, somos finitos. Por isso, embora não devamos nos conformar, também não podemos pensar que algo histórico — uma política, uma teoria, um Estado — seja algo absoluto. Nossa finitude, ou seja, nossa precariedade, não demonstra a existência de Deus. Entretanto, existe a necessidade de uma teologia, não entendida como ciência do divino ou de Deus, e sim como “a consciência de que o mundo é fenômeno e, portanto, não a verdade absoluta que só a realidade última pode ser. A teologia — e aqui devo me

expressar com muita cautela — é a esperança de que, apesar dessa injustiça que não seja a última palavra”. Assim para Horkheimer, portanto, a teologia é “expressão de uma nostalgia segundo a qual o assassino não possa triunfar sobre sua vítima inocente”.

Portanto, “nostalgia de justiça perfeita e consumada”. Esta jamais poderá ser realizada na história, diz Horkheimer. Com efeito, “ainda que a melhor sociedade viesse a substituir a atual desordem social, não será reparada a injustiça passada e não se anulará a miséria da natureza circunstante”.

Entretanto, isso não significa que devamos nos render aos fatos, como, por exemplo, ao fato de que nossa sociedade torna-se sempre mais sufocante. Nós, diz Horkheimer, “ainda não vivemos em uma sociedade automatizada [...]. Ainda podemos fazer muitas coisas, mesmo que mais tarde essa possibilidade venha a sernos tirada”.

E o que o filósofo deve fazer é criticar “a ordem constituída” para “impedir que os homens se percam naquelas ideias e naqueles modos de comportamento que a sociedade lhes propicia em sua organização”.

JÜRGEN HABERMAS

† Vida



Jürgen Habermas é um filósofo alemão e um dos mais influentes sociólogos do pós-guerra. É conhecido por suas teorias sobre a razão comunicativa e considerado um dos mais importantes intelectuais contemporâneos.

Jürgen Habermas nasceu em Düsseldorf, Alemanha, no dia 18 de junho de 1929. Durante sua juventude já se interessava por questões sociais. Estudou Filosofia, Literatura Alemã e Economia nas universidades de Göttingen, Zurique e Bonn. Em 1954, sua preocupação com as questões políticas aparecem em sua tese de doutorado, intitulada “Estudante e Política”, quando realizou uma pesquisa empírica sobre a participação estudantil na política alemã.

Passou a escrever como freelance para jornais alemães e seus textos chamaram a atenção do filósofo

Theodor W. Adorno, um dos fundadores da Escola de Frankfurt de Teoria Crítica, juntamente com Max Horkheimer. Em 1956 Habermas é convidado por Adorno para

trabalhar como seu assistente no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, e o influencia com sua análise crítica da sociedade.

Devido à aversão de Max

Horkheimer, então diretor do Instituto, ao jovem de orientação marxista e politicamente engajado, Jürgen mudase para Marburg, onde obteve sua livredocência com a tese intitulada “Mudanças Estruturais do Espaço Público”. Em 1964 retorna a Frankfurt, e assume a direção do Instituto de Pesquisas.

Ainda na década de 60 defende os violentos protestos estudantis ocorridos na Alemanha. É a favor da participação política por meio da desobediência civil, mas se distancia de grupos radicais e do líder estudantil e o acusa de fascista de esquerda em seu texto “A Pseudo Revolução e Seus

Filhos”. Com essa atitude, é hostilizado por boa parte da esquerda alemã.

Passou a ensinar Filosofia em Heidelberg e Sociologia em Frankfurt. Em 1968, transferiu-se para os Estados Unidos, onde lecionou na New School for Social Research de Nova Iorque. Entre os anos de 1971 e 1980 dirigiu o Instituto Max Planck de Starnberg, na Baviera. Em 1981 publicou “Teoria da Ação Comunicativa”, onde trata dos fundamentos da teoria social, da análise da democracia, do Estado de direito e da política contemporânea, especialmente da Alemanha. É uma tentativa de restabelecer a relação entre o Socialismo e a Democracia.

Essa publicação considerada sua obra mais importante tem uma grande relevância dentro do contexto de qualquer regime que se pretende democrático, quando sugere um modelo de ação comunicativa, a Democracia Deliberativa, na qual a sociedade é que deve criar suas próprias regras através de um consenso de forma não coercitiva.

Em 1983, Habermas transferiu-se para a Universidade Johann Wolfgang Von Goethe, em Frankfurt, onde conquistou a cátedra de Filosofia, permanecendo ali até sua aposentadoria, em 1994. Recebeu diversos prêmios e distinções, entre eles, o Prêmio Cultural de Hessen, em 1999, e o Prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão, em 2001. Em 2006 publicou “O Ocidente Dividido”.

Configuram-se como as principais obras de Habermas: “Técnica e Ciência como Ideologia” [1968] (1994), “Communication and the Evolution of Society” [1976] (1995), “A Nova Opacidade: A Crise do Estadoprovidência e o Esgotamento das Energias Utópicas” (1985a), “O Discurso Filosófico da Modernidade, [1985b] (1990), “Tendências de Juridicização” (1987), “The Dialectics of Secularization (2007)”.

‡ A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA

Habermas questiona que a razão seja meramente a capacidade de manipular corretamente regras formais. Para se aplicar o conceito de razão à prática e à moral, torna-se necessária uma concepção mais abrangente: a razão dialógica ou comunicativa. Com este debate, Habermas começa a se distanciar dos

seus mestres e formula uma discussão original: A Teoria da Ação Comunicativa – racionalidade comunicativa: mundo vivido e a concepção sistêmica.

A razão subjetiva (dialógica) para Habermas constitui-se no resultado de um diálogo, em que dois indivíduos, através de argumento, chegam a um acordo. A razão não é monológica, mas dialógica. Esta razão não é inata, transcendental; é a intersecção de três mundos: o objetivo, o social e o subjetivo dos afetos.

Como diz Habermas, a ação comunicativa ocorre:

(...) sempre que as ações dos agentes envolvidos são coordenadas, não através de cálculos egocêntricos de sucesso, mas através de atos de alcançar o entendimento. Na ação comunicativa, os participantes não estão orientados primeiramente para o seu próprio sucesso individual, eles buscam seus objetivos individuais respeitando a condição de que podem harmonizar seus planos de ação sobre as bases de uma definição comum de situação. Assim, a negociação da definição de situação é um elemento essencial do complemento interpretativo requerido pela ação comunicativa. (1984, p. 285, 286).

A Teoria da Ação Comunicativa permite reconstruir a história da sociedade na medida em que consegue abarcar a sua complexidade.

A modernidade tem, ao menos, duas vantagens: 1) desenvolveu os meios técnicos para satisfazer todas as necessidades do homem; 2) substituiu as crenças religiosas por sistemas de normas e valores consensualmente elaborados pelo atores do sistema.

Para Habermas toda relação comunicativa se insere em um contexto de normas sociais, que interage com a vontade do indivíduo e refere-se a um terceiro elemento externo. Nas palavras de Habermas,

(...) à medida que o potencial embutido na ação comunicativa é realizado, o núcleo normativo arcaico se dissolve e abre caminho para a racionalização das visões de mundo, para a universalização da lei e da moralidade e para uma aceleração dos processos de individuação (1987a, p. 4b). Desta feita,

(...) a comunidade religiosa que fez, pela primeira vez, possível a cooperação social é transformada em uma comunidade de comunicação baseada na pressão para cooperação. A interação guiada pela norma muda sua estrutura à medida que as funções de reprodução cultural, integração social, e socialização, ou seja, a reprodução simbólica do mundo da vida] passam do domínio do sagrado para aquele da prática comunicativa cotidiana (1987a, p.91)". Habermas, J. (1987a) The

theory of communicative action. Vol 2. Lifeworld and system: A critique of functionalist reason. "Boston, Beacon Press.

A racionalidade da comunicação está na prática e seus efeitos. Comunicar não é apenas trocar informações, mas é agir, interferir na ação e modificar atitudes em diferentes escalas.

A Esfera pública é o conjunto dos espaços de discussão social onde a partir de livre debate, procura-se um consenso. A expressão "esfera pública" está diretamente ligada a espaço público e opinião pública e é regida pelo aparecimento da imprensa e desenvolvimento das mídias a partir do século XVIII com a ascensão da burguesia como classe dominante.

EXERCÍCIOS

1) (Uel 2010) Leia o texto a seguir:

"A ideia de progresso manifesta-se inicialmente, à época do Renascimento, como consciência de ruptura. [...] No século XVIII tal ideia associa-se à consciência do caráter progressivo da civilização, e é assim que a encontramos em Voltaire. Tal como para Bacon, no início do século XVII, o progresso também é uma espécie de objeto de fé para os iluministas. [...] A certeza do progresso permite encarar o futuro com otimismo".

(Adaptado de: FALCON, F. J. C. *Iluminismo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 6162.)

Na primeira metade do século XX, a ideia de progresso também se transformou em objeto de análise do grupo de pesquisadores do Instituto de Pesquisa Social vinculado à Universidade de Frankfurt.

Tendo como referência a obra de Adorno e Horkheimer, é correto afirmar:

a) Por serem herdeiros do pensamento hegeliano, os autores entendem que a superação do modelo de racionalidade inerente aos conflitos do século XX depende do justo equilíbrio entre uso público e uso privado da razão.

b) A despeito da

Segunda Guerra, a finalidade do iluminismo de libertar os homens do medo, da magia e do mito e torná-los senhores autônomos e livres mediante o uso da ciência e da técnica, foi atingido.

c) Os autores propõem como alternativa às catástrofes da primeira metade do século XX um novo entendimento da noção de progresso tendo como referência o conceito de racionalidade comunicativa.

d) Como demonstra a análise feita pelos autores no texto "O autor como produtor", o ideal de progresso consolidado ao longo da modernidade foi rompido com as guerras do século XX.

e) Em obras como a *Dialética do esclarecimento*, os autores questionam a compreensão da noção de progresso consolidada ao longo da trajetória da razão por ela estar vinculada a um modelo de racionalidade de cunho instrumental.

2) (Ufla 2010) Analise as afirmativas sobre a Escola de Frankfurt e sua Teoria Crítica, coloque Verdadeiro (V) ou Falso (F) e assinale a alternativa que contém a sequência CORRETA.

() Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse são os pensadores que mais se destacaram e, apesar das críticas feitas a Marx, foram, por ele, influenciados.

() A Teoria Tradicional é representada, segundo os frankfurtianos, por todos os filósofos que, desde Descartes até o Iluminismo, deram grande ênfase ao racionalismo.

() A Teoria Crítica afirma que a razão pode conter sombras quando se coloca a serviço da dominação.

() Segundo os frankfurtianos, um indivíduo autônomo, consciente de seus fins, não tem possibilidade de acontecer, pois o conflito entre a razão autônoma e suas forças obscuras e inconscientes não finda.

- a) F – V – V – F
- b) V – F – F – V
- c) F – V – F – V
- d) V – V – V – F

3) (Uel 2009) O debate nascido nos anos 80 sobre a crise da modernidade tem como pano de fundo a consciência do esgotamento da razão, no que se refere a sua incapacidade de encontrar perspectivas para o prometido progresso humano. O pensamento de Habermas situa-se no contexto dessa crítica. A

racionalidade ocidental, desde Descartes, pretendeu a autonomia da razão, baseada no sujeito que solitariamente representa o mundo. [...] A racionalidade prevalente na modernidade é a instrumental[...].

(HERMANN, N. O pensamento de Habermas. In: *Filosofia. Sociedade e Educação*. Ano I, n.1. Marília: UNESP, 1997. p. 122-1 23.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a Teoria Crítica de Adorno e Horkheimer e sobre o pensamento de Jürgen Habermas, é correto afirmar que a racionalidade Instrumental constitui

I. um conhecimento que se processa a partir das condições específicas da objetividade empírica do fato em si.

II. o processo de entendimento entre os sujeitos acerca do uso racional dos instrumentos técnicos para o controle da natureza.

III. uma forma de uso amplo da razão, que torna o homem livre para compreender a si mesmo a partir do domínio do conhecimento científico.

IV. um saber orientado para a dominação e o controle técnico sobre a natureza e sobre o próprio ser humano.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

4) (Uel 2009) Sobre a crítica frankfurtiana à concepção positivista de ciência e técnica, é correto afirmar que a racionalidade técnica

I. dissocia meios e fins e redonda na adoração fetichista de seus próprios meios.

II. constitui um saber instrumental cujo critério de verdade é o seu valor operativo na dominação do homem e da natureza.

III. aprimora a ação do ser humano sobre a natureza e resgata o sentido da destinação humana.

IV. incorpora a reflexão sobre o significado e sobre os fins da ciência no contexto social.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

5) No que consiste a Razão Instrumental segundo Horkheimer?

6) Explique o que os autores chamam de Indústria Cultural e descreva seu modo de operar na sociedade.

7) No que consiste a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas?

8) Atenção: O texto a seguir refere-se às questões I e II.

Se observarmos as quatro décadas da antiga Escola de Frankfurt em seu conjunto, fica evidente o seguinte: não havia paradigma unitário, logo nenhuma mudança de paradigma ao qual se submeteria tudo aquilo que estava implicado quando se fala da Escola de Frankfurt. As duas figuras principais, e, trabalham a partir de duas posições explicitamente diferentes sobre temas comuns. Um, que entrou em cena como o inspirador de uma teoria interdisciplinar progressista da sociedade, contentou-se em ser o acusador de um mundo burocrático, no qual a ilha do capitalismo liberal, emergindo da história de uma civilização fracassada, ameaça desaparecer de vista. Para o outro, que entrou em cena como crítico do pensamento da imanência e como advogado de uma música liberada, a filosofia da história de uma civilização fracassada tornava-se a base de uma teoria multiforme do não-idêntico, em outras palavras, das formas nas quais, de uma maneira paradoxal, o não-idêntico encontrava seu lugar.

(WIGGERSHAUS, R. A.

Escola de Frankfurt. História, desenvolvimento teórico, significação política. São Cristóvão: Difel, 2002, p.35)

I - Na passagem acima, o historiador se refere a dois dos mais importantes representantes do pensamento da chamada Escola de Frankfurt. Qual das alternativas abaixo

pode preencher a lacuna acima?

- (A) Sigmund Freud e Erich Fromm.
- (B) Martin Heidegger e Theodor W. Adorno.
- (C) Walter Benjamin e Marshall McLuhan.
- (D) Hanna Arendt e Max Horkheimer.
- (E) Theodor W. Adorno e Max Horkheimer.

II - Na passagem citada, o autor afirma que a chamada Escola de Frankfurt não pode ser definida univocamente, mas que, pelo contrário, ela foi composta por diferentes linhas e pensamentos. Entre outras, pode-se dizer que essas diferentes linhas que compuseram a escola de Frankfurt são:

- (A) o hegelianismo, o marxismo, a psicanálise e a sociologia crítica.
- (B) o marxismo, a psicanálise, o estruturalismo e a sociologia crítica.
- (C) o estruturalismo, a sociologia crítica e a lingüística aplicada.
- (D) o hegelianismo, o marxismo, a psicanálise e o neokantismo.
- (E) o existencialismo, o estruturalismo e a sociologia crítica.

MICHEL FOUCAULT

† **VIDA**



Michel Foucault ¹⁵ (1926-1984) foi um filósofo francês, que exerceu grande influência sobre os intelectuais contemporâneos. Ficou conhecido por sua posição contrária ao sistema prisional tradicional.

Michel Paul Foucault nasceu em *Poitiers*, França, no dia 15 de outubro de 1926. Estudou no *Lycée Henri IV* e

em seguida na *École Normale Supérieure*, em Paris, onde desenvolveu um interesse pela filosofia. Foi aluno da Sorbonne, onde se formou em filosofia e psicologia. Em 1954 publicou “Doença Mental e Psicologia”.

¹⁵ Autor de *Nascimento da Clínica* (1963) e da *História da Loucura na Era Clássica* (1961) – exemplificou, em *As Palavras e as Coisas* (1966), a abordagem estruturalista do estudo da história. Para Foucault, a história não tem sentido; e a idéia de progresso é simplesmente um mito, por meio do qual o homem ocidental quer representar seu

Após vários anos como diplomata cultural no exterior, ele retornou à França, e a partir de 1960, passou a lecionar na Universidade de *Clemont-Ferrand*.

Em 1961, publicou sua grande obra: “História da Loucura na Era

Clássica”. Em 1966, após deixar *Clemont*, Foucault lecionou na Universidade de Tunis, permanecendo até 1968, quando retornou à França e passou a chefiar o departamento de filosofia da nova universidade experimental de Paris.

Em 1970, Foucault passou a lecionar História do Pensamento no Colégio de França. Tornou-se um ativista de vários grupos envolvidos em campanhas contra o racismo, contra os

epistemas Foucault entende “todas as relações que existiram em certa época entre os vários campos da ciência”. E a ciência que estuda tais epistemas é chamada por Foucault de *arqueologia do saber*. Esta é a ciência que faz ver como na história não há de fato a continuidade ostentada pelos historicistas. Em *As Palavras e as Coisas* Foucault mostra que na história do saber ocidental sucedem-se, sem nenhuma continuidade progressiva, três estruturas epistêmicas: a que de conservou até a Renascença; a que floresceu nos séculos XVII e XVIII; e a que se afirmou no século XIX.

abusos dos direitos humanos e em campanhas pela reforma penal. Michel Foucault veio cinco vezes ao Brasil, a primeira foi em 1965. No final dos anos 70, foi descoberto pela universidade de Berkeley, na Califórnia, onde foi bem acolhido, e realizou palestras.

contínuo e glorioso desenvolvimento. Esta continuidade, porém, não existe. A história afirma Foucault, é antes *descontínua*. Ela é governada por *estruturas epistêmicas* ou *epistemas* que agem na profundidade, estão em função em nível inconsciente. E com estrutura epistêmica ou

‡ AS TEORIAS DE FOUCAULT

Michel Foucault é conhecido por suas teorias acerca da relação entre poder e conhecimento, e como estes são usados para o controle social através das instituições. Iniciou seu trabalho com uma aproximação do movimento teórico emantropologiasocial conhecido comoestruturalismo, do qual veio a se distanciar mais tarde, que lhe rendeu o desenvolvimento de uma técnica historiográfica própria, a qual chamou "arqueologia".

Foucault procurou colocar sua posição filosófica em prática, tornando-se membro ativo de diversos grupos envolvendo campanhas anti-racismo, anti-abusos de direitos humanos e lutas por reformas do sistema penal. Entre seus trabalhos mais relevantes estão *A Arqueologia do Conhecimento*, *Vigiar e Punir*, e *História da Sexualidade*, nos quais desenvolveu seus métodos arqueológicos e genealógicos de leitura histórica, através dos quais enfatizava o papel do poder na evolução do discurso em sociedade.

Suas teorias influenciaram acadêmicos, que trabalham em estudos de sociologia, teoria literária, teoria crítica, comunicação, e também alguns grupos ativistas.

‡ A LOUCURA SEGUNDO FOUCAULT

Em 1961, Michel Foucault defendeu sua tese de doutorado na Sorbonne com "História da Loucura na Era Clássica", na qual analisa a maneira como era tratada a loucura no século XVII.

A principal questão discutida na obra, diz respeito ao sistema de normas fundamentais que regem a sociedade e, especialmente, os princípios de exclusão pelos quais se diferenciam os indivíduos "normais" e os

"anormais". O filósofo ainda criticava a psiquiatria e psicanálise tradicionais, no seu modo de ver, instrumentos de controle e dominação ideológica.

‡ PODER SEGUNDO FOUCAULT

Michel Foucault dirigiu grande interesse para a questão do "poder", e no livro "Vigiar e Punir" (1975), fez uma análise da transição da tortura para a prisão como um modelo punitivo, concluindo que o novo modelo obedece a um sistema social que exerce uma maior pressão sobre o indivíduo e sua capacidade de expressar suas próprias diferenças.

Michel Foucault acreditava que a prisão, mesmo que fosse exercida por meios legais, era uma forma de controle e dominação burguesa no intuito de fragilizar os meios de cooperação e a solidariedade do proletariado.

Diante disso, dedicou seus últimos anos à redação da obra "História da Sexualidade", onde faz uma funda investigação do exercício do poder sobre a sociedade, publicando apenas os dois primeiros volumes,

Michel Foucault morreu em Paris, França, em consequência das complicações da AIDS, no dia 26 de junho de 1984. Foi a primeira figura pública a morrer da doença na França. Seu parceiro Daniel Defert fundou uma instituição de caridade para doentes de AIDS, em sua memória.

Suas principais obras foram: *Doença Mental e Psicologia* (1954), *História da Loucura na Era Clássica* (1961) *O Nascimento da Clínica* (1963), *As Palavras e as Coisas* (1966), *Vigiar e Punir* (1975), *História da Sexualidade* (1984).

AS FASES DO PENSAMENTO DE FOUCAULT

As suas influências culminaram em seus estudos naquilo que é costumeiro chamar de fase arqueológica, fase genealógica e na ética.

A fase arqueológica é reconhecida por ter foco especial na análise do discurso (próxima daquela feita por Michel Pêcheux), a análise do dito. Aqui, Foucault já experimenta o uso de ferramentas conceituais de maneira inovadora, descrevendo o discurso da loucura na *História da loucura na idade clássica*, *O Nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e terminando no livro que mais se aproxima de um discurso do método, a *Arqueologia do saber*;

A fase genealógica contém os trabalhos de Foucault sobre o poder, *Vigiar e Punir* e a *História da Sexualidade* como livros mais reconhecidos do período;

Já a ética seria parte daquilo que é proposto na *História da Sexualidade*, como uma ética de si baseada no ideal greco de cuidado de si como parte do cuidado à própria pólis.

Enquanto a genealogia funcionaria como uma maneira de inscrever os saberes assujeitados nas hierarquias das ciências e, assim, dar força para que se tornem livres, a arqueologia tem como papel principal servir à análise dos saberes.

Herdeiro declarado de Nietzsche, os trabalhos de Foucault envolvem uma profunda crítica às verdades pretensamente universais legitimadas pelos discursos científicos. As obras de Michel Foucault são heterogêneas, mas tudo começa com *Doença Mental e Psicologia* (1954), que foi um trabalho encomendado por Althusser, mas foi com *História da Loucura na idade clássica*, de 1961, que ele atingiu o patamar de intelectual francês de fato. Apesar de rejeitada pelos círculos marxistas da academia, preocupados em legitimar o marxismo como uma ciência, seu estudo sobre os internamentos foi

inovador pelo método arqueológico e pela proposta “antiloucura”.

O estudo de Foucault procura descobrir a verdade da loucura. Ou seja, procurar identificar o que era de fato a loucura e sua prática no renascimento. O louco, ele descobre, era muito mais do que uma pessoa com distúrbios mentais, mas era um excluído por excelência: eram internados mendigos, pessoas pródigas, mulheres que não queriam se casar e ter filhos e etc e etc. O internamento do louco era a exclusão da pessoa fora da moral. A técnica de Foucault se resume em analisar a loucura de acordo com os saberes de sua época, que significa “experimentar” a loucura na idade clássica como alguém dessa época experimental, ao invés de interpretá-la com algum método universal atual.

já *O Nascimento da Clínica*, de 1963, foi uma análise do surgimento da medicina como a conhecemos e um acerto de contas com o pai – foi a maneira de se tornar filósofo “de verdade”, sem qualquer ancoramento no passado conturbado. Para Foucault, ao contrário do que pode parecer, a medicina era, de início, coletiva. Era uma medicina dos espaços e dos fluxos que foi, aos poucos, se individualizando e encontrando no próprio sujeito a sua doença.

Em trabalhos posteriores, como *Vigiar e Punir*, de 1975, Foucault aplica seu método genealógico para entender o nascimento da prisão como forma punitiva. É aqui que um tratamento diferenciado para o poder, como um poder disciplinar que trata de nos padronizar e normalizar, é exercido. A complexidade do poder, sistematizada mais tarde em *Vontade de Saber*, primeiro volume da série *A História da Sexualidade*, vai além de sua forma negativa, punitiva, mas atravessa os sujeitos em sua forma positiva, prescritiva, moldando os corpos para melhor lhes servirem.

O poder passa a ser visto como uma força que delimita, que não deixa fazer, mas ao mesmo tempo, como uma força de criação: se o poder fosse somente repressivo, não haveria como explicar porque seus sujeitos não se rebelam.

Nas obras de Michel Foucault, então, o papel da ligação saber-poder é determinante. Para ele, não há como falar de poder sem explicar os discursos que o legitimam, assim como não é possível falar de saber sem explicar as relações de poder que são movidas automaticamente pelos discursos. Saber e poder são nominalmente separados, mas são a mesma coisa na vida cotidiana.

Nada disso foge do sujeito. Este tripé entre Saber-Poder e sujeito está presente ao longo de seu pensamento como uma maneira de intensificar a noção do sujeito de linguagem constituído por discursos e relações de poder, ao invés de ser determinado por uma estrutura específica (como a econômica) longe de sua própria experiência cotidiana.

Com o passar do tempo, as obras de Michel Foucault se tornaram leitura obrigatória para quem deseja entender o pensamento contemporâneo. De certa forma, não saber o que Foucault tem a dizer sobre o poder e sobre o saber é estar excluído da discussão atual nas ciências humanas.

entre as quais a Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia, Psiquiatria, Medicina e Direito. Em 1975, Foucault publicou a obra “Vigiar e Punir: história da violência das prisões”, na qual propunha uma nova concepção de poder, a qual abandonava alguns postulados que marcaram a posição tradicional da esquerda do período. Sobre a concepção de poder foucaultiana, é CORRETO afirmar:

a) Só exerce poder quem o possui, por se tratar de um privilégio adquirido pela classe dominante que detém o poder econômico.

b) O poder está centralizado na figura do Estado e está localizado no próprio aparelho de Estado, que é o instrumento privilegiado do poder.

c) Todo poder está subordinado a um modo de produção e a uma infraestrutura, pois o modo como a vida econômica é organizada determina a política.

d) O poder tem como essência dividir os que possuem poder (classe dominante) daqueles que não têm poder (classe dos dominados).

e) O poder não remete diretamente a uma estrutura política, ao uso da força ou a uma classe dominante: as relações de poder são móveis e só podem existir quando os sujeitos são livres e há possibilidade de resistência.

EXERCÍCIOS

1) (Unioeste 2016) Os estudos realizados por Michel Foucault (1926-1984) apresentam interfaces que corroboram para estudos em diversas áreas de conhecimento,

2) Qual a principal questão tratada na obra *História da Loucura na Era Clássica*?

3) O que abordam as teorias de Foucault e qual o objetivo da utilização das mesmas?

4) (Pucpr 2009) O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama “disciplina”.

Fonte: Foucault, *Vigiar e punir*, p.161. Assinale as alternativas corretas.

I. Foucault quer afirmar que os indivíduos, nesse modelo de sociedade, são constituídos como efeitos da atuação de estratégias de poder correlatas a técnicas de saber.

II. Para Foucault, o poder fundamentalmente reprime, recalca, censura, mascara, anulando os desejos individuais.

III. A disciplina produz realidade, produz rituais de verdade, produz indivíduos úteis e dóceis.

IV. Para Foucault, é o indivíduo que possui o poder. É ele quem dá sentido ao mundo.

V. A disciplina, como estratégia privilegiada de fabricação do indivíduo e produção de verdades, existe desde a época do cristianismo primitivo.

- a) II, IV e V
- b) I e III

- c) II e III
- d) I e II
- e) III, IV e V

5) (CESGRANRIO 2010) “O que está em questão é o que rege os enunciados e a forma como estes se regem entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos científicos. Em suma, problema de regime, de política ou enunciado científico.”

FOUCAULT, M.
Microfísica do Poder, cap. I –

Referências

★ 1 Unidade
Tradução de Roberto Machado.
RJ: Graal, 2007.

Segundo o francês
Michel Foucault,

a) o esforço moderno por conhecer a loucura promoveu a superação da cisão entre sujeito e objeto.

b) o conflito moderno entre razão e experiência deve ser superado através do retorno genealógico ao discurso originário dos primeiros filósofos.

c) o sujeito não é fruto de uma construção histórica, mas sim a origem perene dos saberes determinados historicamente.

d) os saberes
próprios de uma época são
autônomos frente às relações de
poder que nela se
desdobram.

as relações de poder regulam a
produção do saber

○ Hegel

FRAZÃO, Dilva. **Hegel**. Ebiografia, 2014. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/hegel/> acesso em: 24 de maio de 2019.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **Filosofia: Idade moderna**, vol 3. 2 ed. rev. e ampl. Paulos. São Paulo. 2017.

RESENDE, Antônio (Org.). **Curso de filosofia**. 13. ed. Rio de Janeiro – RJ: Zarár, 2005.

○ Arthur Schopenhauer

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **Filosofia: Idade contemporânea**, vol 3. 2 ed. rev. e ampl. Paulos. São Paulo. 2018.

MAAR, Wolfgang. OLIVEIRA, Maria Lucia Melo e. **Arthur Schopenhauer: Os Pensadores**. Editora Cultural. São Paulo, 1985.

○ Karl Marx

FRAZÃO, Dilva. Karl Marx. **Ebiografia**. 2018. Disponível em: https://www.ebiografia.com/karl_marx/ acesso em: 20 de maio de 2019.

STALIN, J. V. **Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico**. Rio de Janeiro – RJ: dições Horizonte, 1945.

MATTOS, M.B. **Classes Sociais e Luta de Classes: a atualidade de um debate conceitual**. Rio de Janeiro – RJ: Revista em Pauta, 2007.

LÖWY, Michael. **A teoria da revolução no jovem Marx**. Petrópolis: Vozes, 2002. (1a ed. francesa, 1970)

MARX, Karl e Engels, Friedrich. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 5 ed., São Paulo: Hucitec, 1986.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo – Sp: Boitempo, 2017.

RESENDE, Antônio (Org.). **Curso de filosofia**. 13. ed. Rio de Janeiro – RJ: Zarár, 2005.

○ Nietzsche

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **Filosofia: Idade contemporânea**, vol 3. 2 ed. rev. e ampl. Paulos. São Paulo. 2018. FERREZ, Olgária Chaim. **Friedrich Nietzsche: Obras incompletas**. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1999.

○ Sigmund Freud

BOCK, Ana; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Aria. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo – SP: Saraiva, 2001.

FRAZÃO, Dilva. **Sigmund Freud**. Ebiografia, 2018. Disponível em: https://www.ebiografia.com/sigmund_freud/ acesso em 10 de Junho de 2019.

○ Escola de Frankfurt

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

DO VALE LEITÃO, C. **Uma visão histórica da Escola de Frankfurt e de sua teoria crítica**. Revista Dissertar, v. 1, n. 24 e 25, p. 97-104, 1 jun. 2016.

AIRES DE SOUZA, Michel. *Filosofonet*, 2009. **O que é a razão instrumental?** Disponível em: <https://filosofonet.wordpress.com/2009/04/16/627/>> Acesso em 22 de setembro de 2019

FRAZÃO, Dilva. Ebiografia, 2016. **Jürgen Habermas**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jurgen_habermas/ acesso em: 24 de agosto de 2019.

FRAZÃO, Dilva. Ebiografia, 2016. **Theodor Adorno**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/theodor_adorno/ acesso em: 22 de agosto de 2019

MATOS, Olgária. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. 2ª. Ed. São paulo, Moderna, 2005.

MATOS, Olgária C.F. **Os arcanos do inteiramente outro: A escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1989

REALE, G.; ANTISERI, D.. **História da Filosofia 6 - De Nietzsche a Escola de Frankfurt**. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Patricia/Downloads/História da Filosofia 6 - De Nietzsche a Escola de Frankfurt - Giovanni Reale; Dario Antiseri.pdf>.

Acesso em: 22 de agosto de 2019.

REALE, G.; ANTISERI, D.. **História da Filosofia 7 - De Freud a Atualidade**. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Patricia/Downloads/História da Filosofia 7 - De Freud a Atualidade - Giovanni Reale; Dario Antiseri.pdf>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política**. Trad. De Lilyane Deroche-Gurgel (do alemão) e Vera de Azambuja Harvey (do francês). Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

○ Michael Foucault

FRAZÃO, Dilva. Ebiografia, 2016. **Michel Foucault**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/michel_foucault/ acesso em: 22 de agosto de 2019.

SIQUEIRA, Vinicius. *Colunas tortas*, 2015. Michel Foucault. Disponível em:

<https://colunastortas.com.br/michel-foucault/>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

✦ **Autores**

✦ **ADILTON SANTOS SAMPAIO**

Acadêmico do curso de Filosofia (Licenciatura) da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a docência-PIBID.

✦ **AFONSO DA SILVA SODRÉ**

Acadêmico do curso de Filosofia (Licenciatura) da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a docência-PIBID. Bolsista (voluntário) do Programa Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC, cujo título é: Além do "Todo sem resto": Weil depois de Hegel ou a prosopopeia da compreensão da incompreensibilidade.

✦ **ANA KALINA PEREIRA DE SOUZA**

Acadêmica do curso de Filosofia (Licenciatura) da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a docência-PIBID.

✦ **MILENA OLIVEIRA PIRES**

Acadêmica do curso de Filosofia (Licenciatura) da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a docência-PIBID.

Café filosófico



Café Filosófico

A FILOSOFIA
PRESENTE NO CINEMA
E NOS QUADRINHOS.

Palestrantes:
Prof. Marco Rodrigues
Ana Kalina Pereira
Afonso Sodré

17h12 às 15h
Teatro do
CINTRA



Questionário sobre o ensino da Filosofia e o uso dos livros didáticos¹⁶

1 O que você acha do ensino da Filosofia nesta escola?

Bom Muito bom Regular Ruim Péssimo

30% Bom 37% Muito Bom 20% Regular 13%

2 Você dedica tempo para o estudo da Filosofia?

Sim Não Pouco Às vezes

33% 23% 30% 14%

3 Você gosta do ensino da Filosofia?

Sim Não Pouco

60% 15% 25%

4 O ensino da Filosofia serve para sua vida cotidiana?

Sim Não Pouco

45% 30% 25%

5 Você acha que a Filosofia deve ser retirada da grade curricular comum?

Sim Não Não sei

10% 90% 0

¹⁶ Questionário realizados pelos bolsistas: Afonso Sodré e Adilton Sampaio.

6 Você utiliza os livros didáticos para leitura em casa?

() Sim () Não () Às vezes

45% 35% 20%

7 Você utiliza os livros para responder atividades?

() Sim () Não () Às vezes

35% 35% 30%

8 Você utiliza os livros em sala de aula para acompanhamento das aulas?

() Sim () Não () Às vezes

26% 48% 26%

9 O que você espera do Ensino da Filosofia para sua formação como pessoa?

10 O que pode ser feito para melhorar o ensino da Filosofia nesta escola?

Nome da instituição:

Série: 2º Ano Data:

Duração da aula: 45 min.

Professor: Rômulo Barros

PLANO DE AULA¹⁷

Problematização	Conteúdo programático	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Fontes/Materiais	Avaliação da Aprendizagem
Introdução a Idade Moderna	Compreender a Idade Moderna como período de racionalidade,	Investigação do pensamento moderno	Sensibilização a partir da apresentação do filme: Tempos	Quadro e pincel Datashow	Avaliação processual, considerando a participação dos

¹⁷ Plano de aula elaborado pelas bolsistas Ana Kalina, Milena Pires e Silva Andressa para o primeiro bimestre do ano letivo de 2019

	<p>como nova maneira de entender as coisas.</p> <p>Compreender que se tem a revalorização do ser humano e da natureza, saindo assim do teocentrismo.</p>	<p>considerando seu contexto histórico.</p> <p>Fase de declínio da Igreja, quando o conhecimento deixa de ser teocêntrico (voltado para Igreja e Deus) e passa a ser racional, onde se tem como centro de tudo a razão humana.</p>	<p>Modernos de Charles Chaplin. E depois um debate com os alunos sobre o que foi apresentado.</p> <p>Conceituação a partir dos filósofos vinculados ao determinado conteúdo exposto.</p>	<p>Computador</p>	<p>alunos nas aulas e o desenvolvimento da capacidade crítica e criativa do estudante.</p> <p>Atividade no caderno para ser passado o visto e recolhida no fim do mês.</p>
<p>Renascimento</p>	<p>Compreender que é um movimento cultural que contribuiu para expansão de uma mentalidade racionalista.</p> <p>Compreender que a partir daí se tem a criação de bases conceituais e de valores que favoreceram o desenvolvimento da ciência no séc. XVII.</p>	<p>Humanismo Razão e Liberdade Mentalidade Racionalista</p>	<p>Sensibilização a partir da seguinte dinâmica: primeiramente a turma é dividida em grupos, estes pesquisaram sobre o conteúdo (Renascimento). Cada grupo deverá trazer no mínimo 5 perguntas sobre o que foi pesquisado. Em sala, elas serão recortadas e colocadas em um saco ou uma caixa. Com a turma em forma de círculo, o saco passará com as perguntas enquanto uma música é tocada, ao parar a música o aluno com o saco na mão deve abrir, sortear uma</p>	<p>Quadro e pincel Sacola ou caixa. Celular Caixinha de som</p>	<p>Avaliação processual, considerando a participação dos alunos nas aulas e o desenvolvimento da capacidade crítica e criativa do estudante.</p> <p>Atividade no caderno para ser passado o visto e recolhida no fim do mês.</p>

			<p>pergunta e responder. Se acertar ele e seu grupo ganham ponto, se errar perderão.</p> <p>Conceituação a partir dos filósofos vinculados ao determinado conteúdo exposto.</p>		
Introdução a Razão e Experiência	<p>Compreender as características da ciência moderna.</p> <p>Assimilar que Alexandre Koyré foi o fundador da ciência franco-russo, onde através desse conceito surgiu alguns dos problemas e conceitos fundamentais da filosofia moderna.</p>	<p>A busca de um ponto fixo O mundo como representação A procura de um método</p>	<p>Sensibilização a partir da apresentação do curta-metragem: . E depois um debate com os alunos sobre o que foi apresentado.</p> <p>Conceituação a partir dos filósofos vinculados ao determinado conteúdo exposto.</p>	<p>Quadro e pincel Datashow Computador</p>	<p>Avaliação processual, considerando a participação dos alunos nas aulas e o desenvolvimento da capacidade crítica e criativa do estudante.</p> <p>Atividade no caderno para ser passado o visto e recolhida no fim do mês.</p>
Francis Bacon	<p>Assimilar que Bacon é considerado um dos fundadores do método indutivo de investigação científica.</p> <p>Entender que Bacon concebia a ciência como técnica, por isso preocupava-se com a utilização dos conhecimentos na vida prática.</p>	<p>Teoria dos ídolos Método indutivo</p>	<p>Sensibilização a partir de pesquisas feitas em casa, questionamentos sobre o assunto e debate em sala de aula.</p> <p>Conceituação a partir do filósofo vinculado ao determinado conteúdo exposto.</p>	<p>Quadro e pincel</p>	<p>Avaliação processual, considerando a participação dos alunos nas aulas e o desenvolvimento da capacidade crítica e criativa do estudante.</p> <p>Atividade no caderno para ser passado o visto e recolhida no fim do mês.</p>

Local onde será trabalhado o Plano:

Data: ____/____/____

Horário:

Responsável pela atividade:

Informações sobre o Público que será trabalhado (quantidade, idade):

PLANO DE AULA ¹⁸

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RECURSOS	AVALIAÇÃO
<p>Esclarecimento do método cartesiano Expor como é baseada a ideia de conhecimento na perspectiva do autor Entendimentos superficiais do filósofo</p>	<p>René Descartes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Teoria do conhecimento • Método • Filosofia de vida 	<p>Utilizar o método cartesiano de esclarecer para interagir com os discentes, desta forma, respondendo suas indagações. Explicando como esse método é totalmente voltado a filosofia de vida e como ela chega a uma resposta.</p>	<p>Quadro Pincel</p>	<p>Participação durante a aula Oralmente o discente tem de exemplificar e chegar a uma resposta, utilizando o método para alguma complicação ligada ao seu cotidiano</p>

REFERÊNCIAS:

DESCARTES, René. Discurso do método. Coleção Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 33-80.

CONSIDERAÇÕES GERAIS:

O referido plano de intervenção deve ser elaborado com o objetivo de ser aplicado, desta forma, para os discentes que já lecionam os mesmos deverão aplicar o seu plano de intervenção em suas áreas de atuação. Em relação aos discentes que ainda não estão em sala de aula, recomendo que os mesmos elaborem um plano de intervenção que posteriormente possa ser aplicado (trabalhando) em suas áreas de atuação

¹⁸ Plano de aula elaborado pelos bolsistas Filipe Alberto e Luanna Cristhyna. Para ser aplicado no segundo bimestre do ano letivo de 2019.